
PAULO DAMIN

JOGO DE PALAVRA



GIULIO EINAUDI EDITORE

Um livro de anotações sobre uma palavra, sobre cada vez que escuto uma determinada palavra, aí eu comento o contexto, falo sobre quem a pronunciou, viajo um pouco sobre como a palavra ecoou no momento. É um modo de eu me distrair da rotina, aproveitando a rotina. Um modo de ver conexões, por um viés tão bom quanto qualquer outro, isso que eu pensei.

E que palavra poderia ser? Como escolher a palavra?

Decidi sair de casa: a primeira pessoa que eu encontrasse eu ia usar a oitava palavra que ela me dissesse. A oitava, porque é um número redondo, infinito.

JOGO DE PALAVRA

Paulo Damin

O que é o que é
que de pé tá deitado
e deitado tá de pé?

A palavra é jogo	3
Peça	3
Auto-ajuda	4
Gente lúdica	5
Paralelo parasita	6
BNCC	6
Jogo de criação literária	7
Artesanato	8
Quinta-feira	8
Bagé	9
Jogo de panela	10
Contos infantis	10
Videogame	11
Palavra ou ação	12
No teatro	13
A cognição da dor	13
Ficção	14
Fim de jogo	15
Constância	15
Cassino	16
Verso livre	17
As regras do jogo	17
A palavra é ação	19
Papelzinho	20
A velha e a forca	21
Hercólubus	21
Tarô	23
Na estrada	24
O educar	26
Carnaval	27
Domingo	27
No hipódromo	28
Sorte	29
Sábado	29
Por um talhe	31
Joça	31
No shopping	32
Joguinho nervoso	33
Propaganda	33
Jogo das cartas	34

Recado	36
Jogo de botão	36
No cinema	37
Na ponta da língua	38
Livro jogo	39
Teoria da marginalidade	40
No sótão	41
Agonia	41
O fedor da América	42
Campeonato de contos	44
Djogo	45
Segunda-feira	46
Araucárias	47
Toc toque	48
Bolita	49
Brasil e Argentina	50
Uma de argentino	50
Cortázar	51
Poesia redonda	51
No circo	53
Terça-feira	54
Xadrez	54
Feira do livro	55
A imperatriz Isabela	56
Sexta-feira	56
Jogo do bicho	57
Adedonha	58
Pebolim	58
Diário grená	59
Abrir livros ao acaso	60
Quarta-feira	61
El Otro Antonio Machado	62
Como criar aranha	63
RPG	65
Janys	67
Bumerangue	69
Dica de leitura	69
No parque	70
Poemas de amor	70
Manipulação	72
Condensado	72

Identidade	73
Ser o jogo	73
Na calçada	74
Bingo	74
Na medida da mão	75
Jogar fora o romance	75

1

A palavra é jogo

Um livro de anotações sobre uma palavra, sobre cada vez que escuto uma determinada palavra, aí eu comento o contexto, falo sobre quem a pronunciou, viajo um pouco sobre como a palavra ecoou no momento. É um modo de eu me distrair da rotina, aproveitando a rotina. Um modo de ver conexões, por um viés tão bom quanto qualquer outro, isso que eu pensei.

E que palavra poderia ser? Como escolher a palavra?

Decidi sair de casa: a primeira pessoa que eu encontrasse eu ia usar a oitava palavra que ela me dissesse. A oitava, porque é um número redondo, infinito.

Era domingo, dia de almoçar na casa da sogra. Quem me recebeu foi o sogro, assim: — Fala, manô! E aí, foste ontem no jogo?

Achei bem apropriado que a palavra fosse *jogo*.

Tive sorte, não preciso quebrar a cabeça pensando sobre o que eu faria caso a palavra fosse *no*.

O contexto da palavra jogo usada pelo meu sogro é que eu realmente tinha ido num jogo do Caxias. É uma das coisas que ele sabe que pode conversar comigo, o Caxias. Então jogo, nessa primeira ocorrência, significa futebol, uma partida específica, num sábado de sol e calor, desses que vale a pena atravessar a cidade a pé, tomar uma cerveja com os amigos, que é até melhor do que a disputa esportiva em si.

Tenho escrito um diário, inclusive, o *Diário grená*, que são crônicas sobre cada jogo do Caxias. E agora, nessa brincadeira, me sai a palavra jogo. Imagino que esse livro vai ser bastante sobre futebol também, porque no planeta Terra, que é o planeta onde eu moro, as pessoas falam a palavra jogo pra se referir bastante sobre futebol.

2

Peça

A segunda ocorrência foi numa conversa com a Camila, editora que publicou uma peça que escrevi.

Peça que em inglês é play. Play que é brincar, jogar.

A Camila ela mora em Belo Horizonte, onde recém tinha tido o clássico entre Cruzeiro e Atlético. Elogiou o clima de festa, a Camila, leitora de literatura romana, aquela sangueira. O lado bom é se juntar pra comemorar, ela disse, é um grande coliseu, quando a gente vai no campo.

Me perguntou se eu gosto, falei que é uma das duas coisas que eu gosto de fazer na vida, ir no estádio. A outra, não sei, ler e escrever. Basicamente só gosto de jogos, nessa vida.

Mesmo o sexo, como é que a gente falava, na infância? Brincar.

Lembrei que um amigo, o Mutt, ele tinha me indicado aquele livro *Homo ludens*, do Huizinga, sobre jogo. Tudo é jogo, disse o Mutt, ou o Huizinga, ou os dois: tudo é brincadeira, é a partir daí que evoluiu a humanidade, mesmo as leis, as religiões, os rituais, as artes, tudo no fundo tem um princípio nos jogos, no caráter lúdico do ser humano.

Vou retomar o livro agora, que comecei a ler, parei num capítulo sobre filosofia, menos divertido. Mas agora, de repente, já que o destino botou o jogo na minha rotina, vai saber se isso aqui não é também meio “filosofia”, essas crônicas jocosas, jugosas...

3

Auto-ajuda

Virando o jogo. Foi a frase da terceira ocorrência.

Um desses palestrantes de auto-ajuda que as prefeituras contratam pra falar no início do ano letivo pros professores. Tô trabalhando em outra cidade, perto de Caxias: Nova Saló. Nem cheguei já quero ir embora. Um cafezinho melado, uns salgadinhos secos, um tiozão atrás dum computador colocando batestaca, olhando o celular porque não pode fumar – e um palestrante de auto-ajuda.

Em time que tá ganhando não se mexe. Ele citou esse ditado pra dizer que, na verdade, era o contrário, que quem quer continuar ganhando tem que se mexer, pro adversário não acabar virando o jogo.

Não sei o que eu penso sobre isso, não pensei. Acho que, como qualquer clichê, o ditado é ao mesmo tempo correto e falso. Os pilantras se aproveitam dessas ambiguidades e a secretaria da educação paga direitinho, porque a conclusão é sempre vai lá, professor, só depende de ti, que escolheu essa missão por amor.

Eu tinha ido pra labuta já imaginando que ia escutar minha palavra. Não sei se foi mais ou menos frustrante que, de novo, o jogo veio no sentido desportivo. A vitória é ter chegado em casa sem ter brigado com ninguém.

Gente lúdica

Na casa da Kunti, massagem nos pés dela, no sofá, ela me perguntou se tem jogo do Caxias, quando vai ser, onde, contra quem. Ficamos falando sobre a tabela, eu com certa vergonha, parece que falar de futebol, com a Kunti – ela é generosa, mas eu preferia conversar sobre as coisas dela, a universidade, as aulas de espanhol, algum causo indiano, as minhas coisas, perto disso, são muito chatas.

Fui ler o Huizinga pra de repente entender esse jogo. Tem coisas assim:

“Terwijl godsdienst, wetenschap, recht, krijg en staatkunde in hooger georganiseerde vormen van samenleving de aanrakingen met het spel, die zij in vroege stadiën van cultuur zoo ruimschoots bleken te bezitten, allengs schijnen te verliezen, blijft het dichten, dat in de spelsfeer geboren is, altijd in die sfeer thuis.”

Brincadeira. O que ele realmente diz é o seguinte:

“Enquanto nas formas mais complexas da vida social a religião, o direito, a guerra e a política vão gradualmente perdendo o contato com o jogo, que nas esferas mais antigas se revestia da maior importância, a função do poeta continua situada na esfera lúdica em que nasceu.”

É isso aí, Huizinga. A literatura segue sendo um belo jogo, desde o *Mahabharata*, com toda a dimensão ritual, faceira, divertida, artística, enigmática, doutrinária, persuasiva, enfeitiçadora, adivinhadora, profética e competitiva.

Recém li o *Mahabharata* e fiquei assim, faceiro, querendo falar sobre a epopeia dos Kurus com todos os adjetivos listados pelo empolgado do Huizinga.

A Kunti, inclusive tô chamando minha amada aqui de Kunti, em homenagem à nobre e perspicaz mãe dos Pândavas, porque com ela eu posso conversar sobre literatura indiana – deixa pra lá o futebol.

Contar ou não, pra ela, sobre essa brincadeira?

Paralelo parasita

Mas artesanato vale? Jogo de palavras sim.

Deitei pra descansar os olhos e me veio isso, numa sesta. Se vier a palavra jogo, de mim pra mim, em sonho, vale também.

A arte, anotei num caderninho, é uma coisa que acompanha a vida. É algo paralelo, que serve e alimenta a vida. É, em si, também vida, mas se situa meio como parasita.

Em forma de poema, ficou assim:

Para a vida
a arte para para
ser para ser
vista lida para
servir
parasita.

Daí fui ler o Huizinga. Tinha lá um trecho grifado, sobre a poesia:

“Ela se exerce no interior da região lúdica do espírito, num mundo próprio para ela criado pelo espírito, no qual as coisas possuem uma fisionomia inteiramente diferente da que apresentam na ‘vida comum’ e estão ligadas por relações diferentes das da lógica e da causalidade”.

Me soa como tá, é bem isso. O jogo do poeta é a linguagem, ver as palavras de um jeito diferente. Me colocar nesse esquema, escrever sobre todas as vezes que eu escutar a palavra é me obrigar a ver a linguagem pra além do sentido corrente. Conexões sub-reptícias. Desnaturalizar o óbvio. Olhar os trechos como degradê, relações amarradas nos intervalos, não como fragmentos. Coisa de louco, pra não pirar.

6

BNCC

Na sexta ocorrência, a palavra veio da pedagoga dizendo que devíamos, os professores, estar tirando fotos dos cadernos dos alunos, dos trabalhos que eles fazem e dos

jogos – tudo que a gente está mandando fazer na aula, e em casa, tudo precisa estar sendo registrado em foto, pra depois a direção poder dizer olha só, mãezinha, teu filho tirou 4 mesmo.

O jogo, não sei bem a que a pedagoga se referia, mas imaginei que os professores fazem jogos em sala de aula, competição de matemática, gincana de ciências, adivinhas de história. Quem certamente faz jogos é a colega do inglês, sempre animada, dinâmica, dinâmática. Se fosse aluna, os professores iam dizer que ela tem não sei o que, que não para quieta, uma doença dessas que os professores agora chamam de cid.

Eu sempre penso nos Cids que eu conheço, o que vende carro, por exemplo, que me arranhou o uno. Ai, eu tenho quatro criança com cid, diz uma professora. Daí eu me lembro de outro Cid, ele era bancário, atendia num guichê, altas filas, eu ia lá pagar contas pro meu pai, ficamos amigos, inclusive a gente viu a final da Copa de 1994 na casa dele, que – bancário – ele tinha tv.

Mas a colega essa do inglês, uma figura. Nasceu no Chile, foi jovem pra Brasília, se casou com um colono e hoje mora em Nova Saló. Dá aula de inglês, mas a língua materna dela é o espanhol. O português, ela adequa dependendo de com quem ela tá falando. Comigo ela fala porto-alegrês, mas com a pedagoga ela fala que nem se tivesse carregando um bigôncio de uva nas paleta, tchó. Grande fã da Base Nacional Comum Curricular. Ela me vê e diz, como quem encontra um companheiro de guerrilha:

— Seguimos fortalecendo a BNCC!

7

Jogo de criação literária

Um jogo inegavelmente jogo pra se fazer na sala de aula. É um de criação literária, de dados.

A gente bota uma tabela no quadro: seis linhas na horizontal e quantas colunas tu quiser, com categorias do tipo personagem, cenário, desejo, problema, solução.

Por exemplo, na coluna personagem a gente bota elefante, pedra, Pedro da borracharia, Franciele Silva-Silva, uma bruxa e um treinador de futebol. A gurizada é que sugere os nomes, os tipos, ou o professor, ou todo mundo, cada um sugere algum. Pode ser sorteio também, fica mais jogo ainda, rende uma aula inteira, cada aluno escreve palavras que preencham as categorias e daí o professor sorteia, vai preenchendo assim o quadro. Na

categoria cenário, por exemplo, aparecem coisas como praia, fundo do poço, Texas, sempre alguém sugere um Texas.

Aí cada um joga o dado e a sorte vai determinando o que cada escritor deve fazer.

Um elefante no fundo do poço cujo sonho é ler um livro infinito mas o problema é que não para de chover e a solução que ele encontra é fazer uma bandeira com as próprias mãos. Aí ele usa a bandeira pra distrair a chuva, que nem touro, que vai atrás da bandeira, aquela vermelha. O elefante carrega a bandeira e a chuva segue ele, então fica o sol, tranquilo, até que o elefante dá a volta no mundo e chega de novo no fundo do poço, exausto, e deixa chover: ele abaixou a bandeira, agora está chovendo e enchendo o poço com o elefante dentro...

8

Artesanato

Quando eu tava aprendendo a escrever, minha irmã teve a ideia duma brincadeira que era assim: fabricar coisinhas de barro, panelinhas, artesanatos, umas chaleiras, e eu tentei fazer uma chaleira. Tinha muito bairro na rua, no bairro. Moldamos direitinho e botamos em cima dum toco. Aí aquela coisa: esperar secar, a expectativa, horas, e nada, só no dia seguinte. E tudo se rachou, craquelou, ficou esfarelado.

Bem melhor escrever, achei, ainda acho. Pelo menos a gente vê logo o que foi feito, as formas, e se racha é tranquilo, texto trincado faz parte. Além do mais, escrever é um jogo que a gente pode brincar sozinho. Inventar as regras, mudar no caminho. E no fim chamar alguém pra participar.

9

Quinta-feira

Teve um jogo de perguntas, uma dinâmica de grupo na reunião pedagógica. A brincadeira era tirar, duma caixa, uma questão como qual é a tua maior qualidade profissional, como tu mede o progresso dos estudantes, que personagem da ficção tu gostaria que fizesse parte da nossa escola, quem tu escolheria como mascote da turma.

Tirei a pergunta sobre o progresso dos alunos, brinquei que era “o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”, mas acharam profundo, então fiz boa figura. A outra

profe de português tirou a do personagem de ficção. Machado de Assis, ela disse, queria que o Machado de Assis fizesse parte da nossa escola.

(Iam chamar ele de neguinho, que pros bundão da roça é um xingamento. Iam rir com a mão esticada. Eu ia tentar captar o momento pra falar de antirracismo, ia mandar os mini-nazi pra direção, mas a direção ia mandar eles de volta pra sala: “desculpa, profe”, é assim que se resolvem as coisas em Nova Saló).

A outra dinâmica era escolher uma palavra do mural, tinha um monte de papelzinho colorido preso com minúsculos prendedores. Devíamos pegar o papelzinho onde estivesse escrito a palavra que precisamos, e eu pensei tá, eu preciso de algo que não sei, o destino sabe o que eu preciso. Me saiu amizade, a palavra amizade.

Olhei pro lado, minhas colegas tavam comprando roupa, perfume, que uma delas leva pra vender na escola, a sala dos professores é uma banca de camelô.

Quem delas, cogitei, vasculhei discretamente, quem delas vai ser minha amiga?

10

Bagé

E teve o Caxias, que o Lufê me perguntou onde eu ia ver o jogo. Eu tava na Kunti, com o Arjuna, ela tinha comprado uma bola. É um incentivo, uma bola de futebol, pra ele largar do squash, digamos, que é um esporte muito solitário, quem é que joga squash? Daí parece que o Arjuna tava pensando em ir jogar nas categorias de base do Caxias, fiquei botando pilha:

— Bá, se nós tivesse um volante que nem tu...

— Mas eu sou centroavante.

— Um centroavante que nem tu...

E durante a noite fiquei dividido entre escrever essa brincadeira aqui e o *Diário grená*, que aquilo virou compromisso, coisa boa, pra quem escreve, ter o que escrever.

Acabei fazendo os dois. O texto de lá era sobre Bagé:

“É um jogo que eu teria ido, se desse, ir pra Bagé. Se me dissessem hoje, algum deus, ó Paulus, onde iríeis? Nova Iorque ou Bagé? Bagé.

Uma das palavras mais bonitas. Ir pra Bagé, quando eu for, vai ser como ir pruma palavra.”

Já o texto aqui é sobre como a literatura é um jogo que as pessoas, o mundo, acabam participando dele sem saber.

Ainda não falei pra Kunti que estou escrevendo isso, mas cheguei na casa dela, ficamos conversando sobre o calendário, pra onde podemos viajar, que vai ter um feriado, aí ela disse vamo pra Bagé.

Me apavorei:

— Tu sabe que hoje o jogo do Caxias é lá?

Ela não sabia. E é assim, às vezes, esse jogo sub-reptício. Daí, quando tu encontra uma pessoa que tá jogando o mesmo que tu, o esquema é viajar junto.

11

Jogo de panela

Na sala dos profes, das profes, tavam falando em jogo de panela, que a muambeira vende, a mesma que traz joia, roupa, relógio, cada semana é uma coisa.

Jogo de panela é um conjunto de várias formas: tem pro arroz, tem pro feijão, tem a frigideira, tem uma que se chama caçarola, que ficaram rindo, umas colegas: “eu já cacei todas que eu podia”. E outra, a que gosta da BNCC: Deus me livre se ele me desse panela de presente, eu tacava na cabeça. Pra mim, retrucou a de artes, eu ia gostar: ele me dá e depois eu boto ele pra cozinhar pra mim.

Quase lembro de uma vez, lá no bairro, que passou um caixeiro-viajante, um de panela. Parou lá em casa, tava chovendo, era de noite, o cara ficou horas explicando o funcionamento – essa tampa encaixante, esse cabo inderretível, e como todas, o jogo, dava pra levar que nem marmita, amarrada. E não ia embora o cara. E não parava de chover. Aí meu pai: tá, vamo testar esse troço, e jogou uns osso com milho dentro da maiorzinha pra fazer uma sopa no fogão a lenha.

12

Contos infantis

Três amigos que matam aula pra jogar bola, mas tem outro, um quarto amigo, que os três não querem que esse vá junto, daí eles dizem que vão num campinho, mas na verdade vão em outro. Chegam lá, jogam bola e tomam refri. No dia seguinte, o quarto amigo reclama

que foi enganado. Aí os três amigos dizem que, na verdade, o quarto amigo já tinha enganado eles antes, por isso se vingaram.

Um jogo de cartas, dois guris, o pai e o vô. Truco. Os dois guris são irmãos. Um faz a dupla com o pai, outro com o vô. Retruco. Partida acirrada. Inclusive o nome do texto é *Partida*. Tudo indica que o pai, a dupla com o pai, vai ganhar, mas na última pesca o vô encontra a carta perfeita, bate e vence. O velho conhece todos os truques.

Um cara que era craque num jogo de videogame, que ele começou a ganhar muito dinheiro e tirou a família toda da miséria. Só que daí o personagem começou a jogar outra coisa, um jogo de apostas, e perdeu tudo, e caiu de novo na miséria, e entrou em drogas.

Os colegas riram, os colegas dele, porque algumas palavras geram risada, em Nova Saló: pobre, miséria, negro, esmola, mendigo, drogas. O que é que gerou humor na história do Lucas?, perguntei. O cara primeiro ser rico e daí perder tudo, foi a resposta.

Mesmo que depois, no fim da história, o personagem recuperava a fortuna e parava de se drogar, o grande lance no conto é que teve a queda, é isso que gera humor, o contraste, de cima pra baixo. Que nem quando uma pessoa leva um tombo, a gente ri, é a reação instintiva. O palhaço, se não me engano, faz isso também, não sei se ainda existe palhaço. Desmontar a seriedade, é por aí. Desmontar do cavalo.

Esses são resumos de contos que meus alunos escreveram. É sempre os guris que falam a palavra jogo, na sala de aula. As gurias, amor.

13

Videogame

Tem também a ocorrência de virar o jogo no sentido de videogame.

Era uma coisa que a gente queria muito, no bairro, um videogame, fazer uma coisa que era virar um jogo, passar horas, a noite toda, que nem as pessoas que tinham videogame.

Então alguém foi pro Paraguai, um tio contrabandista, e trouxe um pro Gizé.

Toda a família em volta da tevê, todos os amigos: vamo ver como funciona esse bagulho. Liga um cabo aqui, carca um cabo ali, dá play no aparato e puf, aquele cheiro estranho, a primeira vez que sentimos o fedor de plástico com eletricidade, a primeira vez que ouvimos falar na diferença – um abismo – entre 110 e 220.

14

Palavra ou ação

Falando com o Luciano, que é um psicanalista, ele reparou numa tendência que eu tenho de ficar entre o preso e o solto, entre o escancarar e o contigo, que nem disse o psiquiatra Aldir Blanc. Aí o Luciano: tem que ver o que tá em jogo aí, nesse antagonismo, tentar te mimetizar entre inofensivos pra não ser ofendido, não chamar atenção, mas querer chamar atenção, não revolucionar, mas querer uma revolução.

Porque eu ao mesmo tempo fui ser anarquista, mas me coloquei entre anarquistas que são uma cooperativa, que vão no sindicato, que trocam ideias e pretendem forçar aos poucos alguma coisa, mas não têm esperança de realizar em vida uma mudança radical, e ao mesmo tempo escrevo umas putarias mas depois corrijo, me censuro, busco textos limpos, que não ofendem, e me lembrou, o Luciano, que anos atrás eu *fugi* do teatro, enquanto as pessoas *vão* no teatro, *buscam* o teatro, fogem *para* o teatro: tu fugiu do teatro, ele disse.

É uma história que eu quero escrever, falei pra ele, sobre essa dicotomia, aquela encruzilhada: o que teria acontecido se eu tivesse, anos atrás, optado pela faculdade de teatro em vez de letras?

Que foi isso, todo dia eu penso no que será que teria sido minha vida caso, naquele dia, eu tivesse escolhido a ação, em vez da palavra, ou Dionísio, em vez de Apolo, que são conceitos úteis, nesse caso. No princípio era a palavra, como na *Bíblia*? Ou no princípio era a ação, como no *Fausto*?

E pensar que era bem esse o livro que eu tava lendo, naquele momento, antes do vestibular. Um livrão grosso, os dois tomos do *Fausto* do Goethe. Eu ia de manhã cedo até na faixa, a rodovia, esperar meu patrão, que ele passava de kombi pra nós ir trabalhar. Tá lendo a Bíblia?, ele perguntou. Bem o contrário, eu podia ter respondido, se soubesse, se eu soubesse prestar atenção no que eu tava lendo.

Tinha a palavra grei, tu e tua grei! Tinha várias coisas que eu roubava pros continhos que eu escrevia, só as coisas supérfluas eu roubava, não essa dicotomia palavra versus ação, que me serviu meses depois, sem eu saber, e que volta agora, tarde demais.

Apolínio, portanto, foi o caminho que escolhi, por medo de passar fome como ator. Que fome? Prevaleceu a rotina, o “se tudo der errado posso virar professor”, e “o importante é escrever”, ficar nos bastidores, olhar de fora, num polo.

Podia ter sido dionisíaco, algo dentro disso, verter a inquietação pelo corpo, pela inconstância, uma deriva que – igual, eu tive uma deriva, mas pelo menos teria sido encanada, encenada com outros derivantes dramáticos, em vez da deriva solitária do tomador

de notas, do que tem esperança de um momento chegar e poder simplesmente escrever, nos bastidores.

Me pus em jogo, apostei. Tudo deu errado e virei professor.

15

No teatro

Como teria sido, se fosse.

Eu me empolgaria com a atuação, a direção, a teoria.

Ia beber de noite, fumar, matar aula pra beber, fumar de dia.

Ia me apaixonar por uma colega comprometida, talvez lésbica, e eu também ia virar lésbico, pra testar, pra aprender, pra me mimetizar, ou pra ter alguma diferença, até perceber que dói e que não, eu queria mesmo era aquela camomila, a que ia me dar suco por um tempo mas logo se deixar sugar por um velho: ela de batom vermelho, vestido vermelho, unhas vermelhas e cabelo preso em cima, e o velho.

Eu ia abandonar o curso, amaldiçoar a cidade, pensar por que, ai de mim, não fui fazer letras, que pelo menos posso ser tradutor, corrigir teses. Mas nisso ia ter um monólogo, com texto meu, um texto ruim, um ator amigo, uma certa glória, entre amigos, e daí vou lá, vou continuar, de repente me transfiro pra Lima, pego e vou pra Londres, posso ser ator no Canadá.

Ia ser a mesma coisa, no fundo. Menos jogar bola. Nunca teriam me ocorrido aquelas partidas no Campo Santo, sábado de manhã. Eu nunca teria feito aquele gol de cabeça, tirando os óculos segundos antes da testada, nem nunca aquele gol de karatê, que até fiz o grito, rá! Depois ficaram me tirando: comé que é? O gritinho, rá? Nem aquele de canhota, driblando o zagueiro.

16

A cognição da dor

Carlo Emilio Gadda, *La cognizione del dolore*, será que posso traduzir como *A cognição da dor*? Desde que tudo deu errado e virei professor, *mi son rincoglionito*, quer dizer que não tenho mais tesão de traduzir.

Mas diz o Gadda, nesse livro, que aos poucos vou entendendo, achei que ia ser apenas sátira, mas se revelou um drama também, e psicológico: a cognição da dor, de onde ela vem,

como ela aparece, não se sabe de onde vem mas apenas como aparece, e aparece verborrágica, no Gadda, nesse livro, a dor, tentando talvez conhecê-la, o autor.

Ele fala em certo momento de “hormônios marquionicos”. Aí tem uma nota que desexplica, é o modo com que ela informa que é um jogo de palavras entre marquês e Marchionn, um personagem do Carlo Porta, escritor milanês de 1800. Um jogo pertinente porque o personagem que tá cognocendo a dor é um pseudomarquês, que nem o Gadda, que era um burguês que não queria ser burguês, ou tinha vergonha.

Já esse personagem do Carlo Porta, Marchionn di Gamb Avert, o Marcão da Perna Aberta, digamos, era um sapateiro que tocava bandolim e que se apaixonou por uma moça chamada Tetton, que é o que parece. Ela traiu e roubou ele, e no fim deixou pro Marchionn criar um filho que nem era dele.

Então satírico, o Carlo. Os dois, no caso, mas fui ler agora o Porta. Não sei o milanês, a língua, mas se distinguem bem algumas palavras atemporais e universais, como corno.

A sátira!, a brincadeira das brincadeiras literárias.

17

Ficção

E aquela brincadeira dos livros que não existem, ainda se faz? Tem um livrinho de Hari Darshan que compila uma série de obras fictícias e ficcionais citadas em textos de ficção, o que não seria tão interessante, apenas pela lista, se não tivesse ali uma explicação de por que isso funciona.

A ideia é que, pra além do jogo de ficcionalizar a própria ficção, o que sustenta essas mínimas invenções é a base que elas têm de realidade. Como o dinheiro, que costumava se sustentar pelo ouro: tu só podia emitir a moeda equivalente à quantia de ouro que tu tinha nos teus cofres, algo assim. E antes o ouro era a própria moeda, um esquema mais fundamentado ainda. Comparando isso com a linguagem, a linguagem pela linguagem é vazia: ela tem que se referir a alguma coisa. Por mais que o *efeito* seja o que conte, há que se referir a algo. Esse algo é o áureo, o real.

Então, por exemplo, o clássico ensaio do Sherlock Holmes sobre as diferenças entre as cinzas do tabaco faz sentido porque, em primeiro lugar, ele é um sábio tabagista e, em segundo, qualquer pessoa pode verificar as diferenças na realidade. Isso serve pra embasar certas investigações do nosso herói, além de provar o caráter mental dele: detalhista, um cara que gasta um monte de energia no inútil.

A literatura fantástica abunda nesse sentido. Borges comenta livros que, impossíveis de serem escritos, têm muita vitalidade: são casos ilustrativos em que a ideia é fatalmente melhor do que a execução.

Se um dia se confirmar o temor de algumas pessoas, de que os robôs vão tirar o trabalho criativo delas, não acho que seja motivo de desespero. A gente poderia desafiar um roubou ficcionista a escrever a enciclopédia de Tlön, por exemplo, a fazer livros que até ontem bastava fazer de conta.

18

Fim de jogo

O Samuel Beckett me impressionava. Era um humor que fazia de conta que era sério. Eu e meu amigo Gizé, a gente lia e ria, daí perguntavam, quem passava perto, e nós: é dois mendigos que ficam falando que vão embora, mas não vão pra lugar nenhum. O Beckett tirava graça dum esquema desses.

A coisa mais legal dele, o que restou, é que ele traduzia as próprias peças, escrevia em inglês, escrevia em francês. *Endgame* era no princípio *Fin de partie*, que traduziram como *Fim de partida*, no Brasil, e eu deixaria como *Fim de jogo*. Quanto deu a partida ontem? Acho ignorante a palavra partida, no Brasil. Nunca fui numa partida do Caxias.

Na peça o sentido é esse, de jogo. O fim meio de arrasto, que nem o mundo, o fim do mundo, a lenta morte, a sobrevida, essas alegorias afetadas que o cara faz, ligando os fragmentos, as anotações do dia a dia que são as partes boas, inspiradas, depois enxertadas como monólogos na peça e em qualquer livro.

Agora eu vejo os truques do Beckett e me dá uma sensação de que eu diria mano, força menos esse recurso aí, tu já botou açúcar suficiente na caipirinha.

É de agradecer, quando os amigos fazem isso com a gente. A diferença é que ele, o Samuel, ia me responder mas eu vivo disso, é o que o pessoal quer ver, e é o que eu consigo fazer, um *Esperando Godot* atrás do outro.

19

Constância

Constância é um nome da divindade:

Constância.

Continuar, aquilo que segue estando.
A continuidade, descer subir, voltar,
seguir o sigo,
continuar sendo dentro do sigo.

Isso é ser eterno,
a imortalidade é fazer todo o percurso,
a continuação.
Como uma esfera
compacta.

Esse seria outro jogo, anotar as ideias que me ocorrem de noite, depois das dez. As ideias.

O que está em jogo é a imagem de ser uma pessoa constante, compacta, coerente, coesa, e não uma mistura de tensões, e não um fervor sempre disposto a se atirar nessa fervura que leva tudo na brincadeira.

Mas o que tá em jogo é usar as duas coisas, o apolíneo, o dionisíaco, o escancarado e o contido, a esquerda e a direita. Chutar com as duas pernas, é isso que tá em jogo.

20

Cassino

Na casa da sogra, como no princípio. Tava lá a vó da Kunti, contando sobre o vô dela, o vô da vó, o biso da Kunti. Um jogador.

Ele era da Vacaria e morava na capital, como oficial de justiça. Só que não perdia chance de voltar pras grotas, pra jogar num cassino clandestino que ficava no porão da casa do Nego Walter.

Era desses que chega e não quer saber de ir embora, disse a vó da Kunti.

Pra ela tudo bem, ele era querido, elegante – ficaram as mulheres lembrando como ele era um sujeito elegante. Tinha um óculos que dobrava, ele dobrava o óculo assim e colocava no bolso do paletó depois de ler. Um pince-nez, disse a mãe da Kunti, e a palavra pince-nez a mãe da Kunti procurou no dicionário pra ver se era isso mesmo, como se escrevia, e pra tentar descobrir de onde é que ela tinha se lembrado justo da palavra justa. Coisa antiga,

pince-nez, coisa de quem lê Agatha Christie. Coisa de quem foi neta dum elegante oficial de justiça.

Minha sogra, minha namorada, a vó da minha namorada, elas só herdaram a elegância mesmo. Se fez dinheiro, o velho perdeu nos porões fumacentos da América Profunda.

Parece que era carta, que jogavam no tal cassininho. Mas devia ter roleta, vai saber se não era o mesmo cassino que o Cassiano Ricardo frequentava. De terno e pince-nez, era a garantia que o oficial de justiça tinha pra dar, a própria cara, os fios do bigode que na capital não causavam impacto. Mas aposto que ele ia jogar em Vacaria porque o jogo, o vício, era uma questão de infância, uma brincadeira. Ia pra Vacaria como quem volta sem querer querendo ao local do crime, a uma paixão antiga.

Depois, fomos a pé, a Kunti e eu, pro estádio ver o Caxias. Tava lá o Lufe, ele é psicanalista. Me indicou um texto do Freud, *Dostoiévski e o parricídio*, porque eu pedi pra ele me indicar um texto da psicologia que falasse de jogo, a relação da pessoa com o jogo. Ele falou desse porque decerto a primeira coisa que passou pela cabeça do Lufe, e do Freud, quando se fala em jogo, é a aposta. Que é um troço fascinante mesmo, como assunto. A glória a um pelo da ruína.

21

Verso livre

“A opção pelo verso livre só se justifica quando o que está em jogo é a conquista de um conceito extremamente original e conciso, compreende?”

Assim começa *O regresso pela porta de marfim*, do Ronald Augusto. Fui encontrá-lo com o Pai do Nacho.

Entendo assim: o que está em jogo é a poesia como jogo. Se isso tem que ocorrer em verso livre, é por causa da regra do jogo, chamada livre, o que significa que o poeta mesmo é que criou aquela forma. Então é mais difícil, tem mais responsabilidade aí, quando tu te mete a fazer verso livre.

Decassílabos tudo bem, não precisa explicar, é um jogo tradicional, porque sim. Mas livre, como assim, é livre mesmo? Por quê?

22

As regras do jogo

A conversa com o Ronald Augusto e o Pai do Nacho foi numa padaria, fim da tarde. Ficamos falando bem do sistema literário, de como todos e todas têm oportunidade de publicar seu trabalho em edições bem distribuídas e trocar ideias em espaços dignos, com debates críticos aprofundados e sequenciais. Don Diego Dinis, que pena, ficou em casa estudando canção de amigo pro concurso de literatura portuguesa.

Mas de noite encontramos ele, Don Diego, em seu humilde castelo. Peguei seu mais recente tomo, abri por acaso, li em voz alta, fiquei brincando de analisar um poema, encontrei várias coisas boas pra dizer que agora, por supuesto, se me escapam. Algo a ver com o líquido martelar das consoantes, em versos sobre o mar:

“Ser cíclico
embora também labirinto
o mar faz
com que as coisas repitam

Hipnose é olhá-lo”

Aí o Pai do Nacho lembrou que o Roland Barthes, anagrama de Ronald, ele disse que cada texto tem uma teoria da literatura própria, que cada texto guarda em si as ferramentas de sua própria análise, as regras do próprio jogo.

— A gente aqui, lendo, é isso que a gente tá fazendo: despertando os elementos analíticos que ajudam a ler o texto a partir do próprio texto.

Depois fomos no porto buscar o Milone, Subintendente do Prata: país bárbaro formado pela Argentina, o Uruguai e o Rio Grande. Recebemos o ilustre poeta com um matecito, que em câmbio nos declamou seu mais recente soneto:

“Viver, porque é de graça e porque há
Na translação do sol um de repente
O sol cair, assim por sobre a praça
E tudo, então, ser isso, apenasmente

Beber, porque há bebida, simplesmente
Talvez por não ser digno da verdade
Eu beba assim tão verdadeiramente”

Do aeroporto fomos prum puteiro desses chiques. O Subintendente queria mesmo entrar, achamos que fosse piada, mas e daí, existe espírito melhor do que a piada pra entrar na zona? Só não entramos porque tava caro e não davam desconto pra poeteiros.

Então fomos num bilhar. Vermute. Cerveja. As pratas do Subintendente não valiam ali e Don Diego teve que bancar.

Fazia tempo que eu não brincava de homizinho.

23

A palavra é ação

Meu pai nos levou, saímos de Caxias até a capital pra ver uma peça de vampiro. Depois da peça fomos no camarim, meu pai era muito metido, fomos no camarim e tava lá o ator, nada drácula, fumando que nem oficial de justiça, um tio de bodega com vinte dente amarelo. Eu pensei tá, eu sabia que o cara tava fingindo, mas que graça tem sair tão rápido assim do papel?

Que graça tem sair assim tão rápido do jogo?

Que nem aquela vez que eu fui no circo depois de ter ido no circo na noite anterior. O anão sentou de novo no colo dum cara na primeira fila, o palhaço errou de novo o chute no amigo inimigo dele, a trapezista quase caiu de novo e o mágico, a mesma afetação da cartola. Dava pra prever inclusive a hora em que as pessoas iam comer pipoca.

Decerto eu cogitei entrar no teatro pra me curar do rompimento precoce da fantasia: a frustração de ter visto os dentes amarelos do homem, em vez do vampiro, a decepção de ver o passo a passo circense. A partir do momento em que meu pai me levou pra ver, mais do que a peça, a realidade por trás da arte, ele disse, era como se dissesse, que a graça dura pouco. Ou ele achava mais graça na realidade mesmo. E eu, eu sou, já era, o contrário.

Mas tu vê, a gente até pode achar que no teatro, na arte cênica, vai ter fantasia mais do que na literatura, e tem bastante, é pura fantasia – só que acaba. São fantasias diferentes na medida. No teatro, a transição é mais brusca, é fatal: o personagem vira gente e puf. Na literatura, por outro lado, no texto, isso aqui: é ficção ou realidade? Que diferença faz? É inverificável, nem se nota, é um degradê, uma prece à Constância, minha deusa amiga.

Não fui pro teatro porque entendi que na literatura a fantasia, o improviso, até o improviso é pra sempre. A gente esconde os truques, muda de ideia, faz errado, acerta sem

querer, se coloca em jogo, brinca, se quebra, se entende, desentende, e além do mais o texto fica, esses jogos todos, esse caminho que

Mas na verdade eu fiz sim teatro. Teatro amador, que é isso, teatro por amor. Como é que alguém faria arte se não fosse por amor? Fiz até uma peça, uma dramaturgia escrita, que é uma maneira de deixar lá, a transcendência, sempre alinhavada.

O teatro tá aqui, no texto, tá no dia a dia do professor. Usar o diafragma, toda vez que preciso gritar e uso o diafragma, estou fazendo teatro. Toda vez que valorizo uma fala, na brincadeira com os amigos (falar mal dos portugueses, os escritores, por exemplo, com o Pai do Nacho e Don Diego), toda vez que leio um poema em voz alta, isso é teatro.

E os personagens, na ficção, toda vez que escrevo sob o ponto de vista de um personagem, um narrador, todo narrador é eu sendo ator.

Palavra é ação. Taí outro jogo.

24

Papelzinho

Nem sempre a infância rebrota em forma de trauma ou análise, às vezes ela volta como infantilidade mesmo.

A Kunti foi me buscar na rodoviária e eu, ao entrar no carro, vi que na porta, bem no lugar que a gente pega pra fechar a porta por dentro, tem um buraco ali, um repositório – e tinha um papel higiênico com ranho, que o Arjuna tem mania de assoar o nariz e deixar ali os ranho dele – que raiva, peguei o papel e atirei o papel na rua.

A Kunti ficou indignada. Tu jogou o papel no chão? Não tô te reconhecendo, ela disse, e saiu do carro pra catar o papel e botar no lixo.

Vigésima quarta ocorrência de jogo, que hoje, na forma de jogar, apareceu pela primeira vez no sentido de atirar, lançar, pinchar, que é meu sinônimo preferido: uma palavra que a gente usava, no bairro, quando eu era o piá porco que ainda consigo ser caso não me cuide.

Passei o dia incapaz de me perdoar por ter cometido essa torpeza.

Será que eu conseguiria me jogar pela janela?

Sonhei que eu tinha voltado pra escola, eu aluno, uma sala mal iluminada, cheia de gurizada, um quadro verde, desses de giz, desses de ranho, e era aula de matemática.

A velha e a força

Aquele símbolo #, as pessoas se dividem entre as que chamam de hashtag, de sustenido ou jogo da velha. Eu gosto de sustenido. Na escola, achei que iam chamar de hashtag, as crianças, pelo menos, só que uma guria – a Medusinha, eu chamo ela assim pelo cabelo, parece um monte de cobrinha coral – ela sempre pede pra desenhar no quadro. E hoje ela disse assim, pra alguém, um colega que tava perguntando a senha não sei do quê: jogo da velha, disse a Medusinha, e se referia ao símbolo aquele.

O guri não entendeu, outra colega corrigiu (hashtag!), mas daí já tavam querendo fazer jogo da velha no quadro. Tem a ver com português, sor, disse a Medusinha. E me provou: tem a letra O, tem a letra X...

Acho mais tri jogar força. Esse sim, um jogo de palavras.

Quando quero matar aula sem sentir muita culpa (é aula de ortografia, no fim das contas), eu boto no quadro uns tracinhos tipo _ _ _ _ _ .

Na primeira vez, no sétimo ano, não falaram a letra A. Tu vê, pensei, sabem pintar bigodinho, esticar a mãozinha à la Saló, mas não conhecem a manha mais básica da força: a primeira letra que tu diz é sempre A. Depois, as demais vogais – isso também não sabiam. Falaram S, V, até X falaram. O único que acertou uma letra foi o que falou R.

A turma toda enforcada, comecei de novo, do zero, com a mesma palavra. Teve lá umas repetições (mania de acharem que as palavras têm X), mas quando começaram a usar as vogais apareceu o I, o A...

No segundo enforcamento coletivo, a palavra tava assim: _ I _ E R A _

Tu não vai dizer a palavra, profe?

Tinha uns que chutavam, VIERA, RIVERA, o que só tornava mais rápido o trabalho do verdugo. No fim, não teve fim, bateu e tchau. Fiquei de dizer a palavra no dia seguinte, mas no dia seguinte ninguém mais lembrava de nada e eu, bola pra frente, eu, com a barriga.

Como qualquer cidadão da América Latina, eu já tinha recebido o alerta décadas atrás: Hercólubus, o planeta vermelho, está prestes a se chocar com a Terra. Leia o livro, aquela coisa.

Porém, como todo cidadão da América Latina, não dei atenção. Tem tanta coisa se chocando com a gente que um apocalipse a mais não faria diferença.

Então, o que aconteceu: numa rodoviária sebosa por aí, eis que vejo o famoso livro de V. M. Rabolú, brilhando numa cadeira como um planeta se aproximando deste punhado de barro que vos fala.

Comecei a ler e senti logo o impacto que a sabedoria gera sobre as bestas selvagens:

“Este livro eu escrevi com muito sacrifício, deitado numa cama sem poder me levantar nem sentar; mas, vendo a necessidade que há de dar aviso à Humanidade sobre o cataclismo que vem, fiz um grande esforço.

Esta mensagem dedico à Humanidade, como último recurso, porque não há mais nada a fazer”.

É isso aí. A escrita como último gesto humano.

E nada mais literatura fantástica do que piração apocalítica, fim-do-mundismo, terraplanismo e tal. No fundo, é alguém se achando a última bolachinha do pacote, com esperanças de ser comido e chegar à transcendência pela escatologia.

Isso, no Hercólubus, ganha tons dramáticos pela dimensão autoficcional, com o narrador dizendo que conhece Vênus e Marte, que viaja pra lá por meio de sonhos conscientes, dando dicas de mantras que tu pode usar pra navegar no cosmos e pra que os extraterrestres avançados venham te resgatar deste lodaçal amarelento.

“A lei em Marte e nos demais planetas é o mútuo respeito entre si, com os demais, com a vida e com tudo. Eles respeitam o livre arbítrio de cada pessoa. Não é como estes terrícolas que querem apoderar-se do mundo a pura bala e ameaças. Estão muito equivocados os senhores americanos com seus filmes e suas revistas”.

É uma obra anti-imperialista, como se vê. Rabolú, um colombiano no fim do século XX, não era tão alucinado a ponto de acreditar em ianque.

O livro tem também um tom melancólico. É que o narrador de Hercólubus manifesta a depressão característica de quem, diferentemente daquele outro fã de naves espaciais,

Arnaldo Baptista, não é capaz de sentir o barato de ser humano. Pois o Rabolú se considera um monstro em comparação com a perfeição dos venusianos e marcianos:

“Testa larga ou ampla, olhos azuis, nariz reto, cabelos louros e uma inteligência surpreendente. Medem mais ou menos de 1,30 a 1,40 metros de estatura, não há mais altos ou mais baixos; não há barrigudos nem se vêem pessoas desfiguradas, todos têm figuras angélicas”.

Acho, não sei, mas se não tivesse todo um apelo à castidade, talvez a história rendesse mais. Não teria por que falar no deus católico, por exemplo, num conto sobre viagens astrais que dependem apenas de meditação e abertura mental. Será que o personagem não se contentaria com um belo mosteiro terrícola de monges quietos?

Esse é o problema, segundo o narrador. A humanidade está condenada porque somos um bando de gorilas fornicadores:

“Todas essas atrocidades sexuais não se vêem senão no nosso planeta, porque nos outros sabem reproduzir-se sem cair na fornicação”.

Então, no fim, o livro não satisfaz a expectativa. Principalmente porque não fala nada do tal Hercólubus. É um exemplo de obra cujo título é superior a tudo que vem depois dele.

27

Tarô

O tarô eu jogo meio que mensalmente, em momentos de crise. Mensalmente, as crises. É um modo de considerar as forças que existem pra além da minha vontade. É um modo de nomear a ignorância, interrompê-la: tarô.

Que nem o cálculo geral das responsabilidades. São 33,33333 etc por cento de responsabilidade tua, ou minha, no caso. Aí tem 33,33333 etc por cento de responsabilidade do mundo, dos outros, seja lá como se manifestem, e 33,33333 por cento de responsabilidade do acaso, dos deuses, do destino, seja lá como tu chama. Tarô é olhar pra esses 66 e poucos por cento que não dependem de mim e dizer tá.

É uma forma de enxergar as relações entre os elementos. A gente joga e saem coisas assim:

“Esta carta indica um desejo poderoso de mudança e transformação, que os outros podem não entender nem concordar. Tira um tempo pra ouvi-los e tenta compreender por que eles discordam de ti, mesmo que tu esteja ansioso pra te movimentar”.

Isso é o cavaleiro de paus de cabeça pra baixo. Muito me representa. Tem a ver com o mês passado, quando eu tava nervoso, querendo largar meu emprego, mudar de cidade (como sempre, mas beirando o colapso). Eu trocava ideia com os amigos, a Kunti, uns parentes, todo mundo dizia pra ir devagar. E eu aqui, cavaleiro, de paus – de cabeça pra baixo. A explicação do tarô é precisa porque desdobrou o óbvio. Deu uma declaração do insondável.

O que teria acontecido caso me saísse uma carta que me dissesse vai, Paulus, ser guacho na vida?

Isso não teria acontecido. Não aconteceu. Se não aconteceu é porque os demais 66 e poucos por cento (66,6 já que leio o tarô do Aleister Crowley), as demais forças cósmicas não tinham nada pra me dizer a não ser o que de fato disseram.

É assim que funciona o destino, né. Acontece um troço e pronto. A partir do momento em que acontece x, não há nenhuma possibilidade de acontecer y. Ah, mas podia ter acontecido, não sei quê... Quando a frase tem orações demais, o diabo desconfia.

O insondável é como um poço que tu não enxerga o que tem dentro, não dá pra enfiar uma sonda. Ou uma pedra, uma divindade, um desconhecido qualquer, calado, parado. Obter uma declaração do insondável é extrair linguagem da pedra, do oráculo mudo. O tarô é bom porque é isso, ele dá voz pro quieto irritante.

28

Na estrada

Eu tava vindo pra casa, tinha um cara brincando comigo na estrada, uma van dessas que leva as cria pra escola e os peão pra firma. Ficava pressionando atrás do meu uno, queria que eu andasse, não sei, a 55 por hora, em vez de 50, que é o máximo que dá pra andar naquelas curvas, naqueles peraus.

Daí fazer o quê, entrar no jogo. Não resisti ao chamado da torpeza.

Sempre que havia um motivo lógico pra ir mais devagar, eu aproveitava. Um quebra-mola, um mata-burro, um hífen, eu reduzia, fazia o onibuzinho ter que frear também. E o cara foi ficando puto putaço putinho. E sempre que eu podia meter uns 100 por hora e

deixar ele pra trás, mesma coisa. Eu ficava olhando o trambolho vir lá de longe, pelo retrovisor.

Uma fumaceira... Digo: mas é a lenha? Sempre assim, esses aí. Dirigem uns trambolhos mas se sentem no auge do Audi. Que são uns trambolhos também, aquela barulheira de chevette sem escapamento.

Então o cara resolveu me ultrapassar.

Bem numa descida que eu, tranquilo, posso descer a oitentina.

A van carcou o pé no acelerador e veio pra baixo do meu lado, naquela pista estreita, numa curva, num morro que desemboca em ponte. Buzinou, um peidinho faiado, e teve que recuar, porque vinha um FNM na direção contrária.

Te juro pra ti, fazia uns quarenta anos que eu não cruzava um Fenemê. Me vi obrigado a saudar o olfato progressista do Estado Novo que, ao criar a Fábrica Nacional de Motores, me livrava um século depois do opróbrio daquela refrega automotiva.

E me deu pena, ou medo: esse sentimento que vem quando a gente lida com quem não apresenta nada além da força, da velocidade, nada além de variáveis físicas. O inimigo ficou de novo atrás de mim e, até a vã desaparecer, eu esperava levar um tiro na nuca.

Lembrei daquele livro do Céline, *Viagem pra bunda da noite*, que tem uma hora lá no começo, eu só li o começo, que o narrador tá na guerra e fala que eles, o pelotão, eles iam andando de noite por uns povoados e esperavam o tempo todo levar um tiro, pisar numa bomba, essas coisas. Aí o narrador fala uma coisa que tá inclusive no *Mahabharata*: cada um vive uma guerra particular.

O Arjuna Pândava, o do mito, no caso, ele ouvindo os conselhos de Krishna no meio da batalha de Kurukshetra: o próprio Arjuna tava enfrentando uma batalha particular, entre ser o guerreiro que se esperava que ele fosse (corajoso, cumpridor da justiça, apesar dos pesares) ou menos. “Pra quem conquistou a mente, ela é a melhor das amigas. Porém, pra quem não conseguiu fazer isso, sua própria mente é o maior inimigo”, algo assim é o que Krishna diz, com termos bélicos.

Ou seja, conhece-te a ti mesmo, magrão, e fica atento.

Daí que, mesmo numa guerra, cada um vive uma guerra particular: se vingar dum capitão, comer mais merengues do que o colega, levar o tiro mais escroto, escrever a carta que chega, não pegar pereba. Uma competição. O trânsito, o trabalho, todo dia é assim. E a sala de aula, os alunos, a mesma coisa.

O educar

Tem o que tá disputando pra ser amigo do profe e tem o que quer a maior nota.

Tem a que quer ser a mais maravilhosa e tem o que quer ser o mais bandido. Aí elas fazem chapinha no cabelo, colam unhas de Zé do Caixão, enquanto os guris ficam só de camiseta no inverno pra mostrar chupão no pescoço.

Tem também os que a luta deles é pra não apanhar em casa, os que a luta é contra o próprio cérebro e os que a luta não tem mais nada a ver com a escola, já foi – mas ficam ali: posso ir no banheiro?

“Se as escolas são o lugar errado pra aprender uma habilidade, são o lugar mais errado ainda pra se educar. A escola realiza mal as duas tarefas, um pouco porque não distingue as duas. A escola é ineficiente na instrução de habilidades sobretudo porque é curricular. Na maioria das escolas, um programa destinado a aperfeiçoar uma habilidade está sempre vinculado a outra tarefa irrelevante. A história está atrelada ao avanço na matemática; a literatura, à decoreba de termos sintáticos, e comparecer às aulas está atrelado ao direito de jogar bola.”

Isso é Ivan Illich, o vivo: *Desescolarizar a sociedade*. Mexi só um pouquinho, mas dá vontade de dizer ainda que a escola, pra certos professores, ela é só um bico, que nem ator de festa infantil e músico de churrascaria.

Certo que o educar é algo honrável, como diz a Kunti. O problema é que sobra pra biltres que nem eu fazer isso. Como diz o poeta na pele de professor,

Pra mim é tudo um grande desperdício.

Mas fico feliz em contribuir
e ser retribuído.

(Esses dois pontinhos se chamam trema ou diérese e, nesse caso, representam a separação das vogais em duas sílabas, em vez de uma. Quer dizer: em “contribuïr” tu tem quer ler *ui* como um hiato: *uí*. Coisas que se aprendem não sei onde).

Carnaval

É carnaval, eu tô aqui sentindo os efeitos. Quer dizer que o ano ainda nem começou e já estamos no trigésimo capítulo, e eu quero me jogar pela janela.

Alguma coisa acontece aí, no ar, que deve ser fruto mais de portas do que de janelas – portais, porteiras que se abrem, no campo místico, no carnaval. Um arroubo continental. As pessoas se sentem, se soltam, se açoitam, tem competição pra ver quem vai incomodar mais o velho professor.

Mas hoje, sexta – que no calendário diz assim: SEX – é um dia qualquer e tivemos que trabalhar igual, aí um aluno perguntou pra outra, na aula de religião – todo profe de língua tem que preencher carga horária com isso, e gosto, é a melhor aula que eu dou, por mim era sempre assim, na escola dos meus sonhos: língua, educação física e religião, pra consertar – o guri me pergunta, pra colega dele, que tava falando de umbanda, o tema era umbanda, ela é da umbanda, se eu fizer uma macumba, diz o guri, se eu fizer uma macumba pro Neymar se apaixonar por mim, ele vai se apaixonar por mim?

Esse Neymar, em 2025, era um decadente jogador de futebol que os guris gostavam tanto dele que queriam ser a namoradinha do Neymar, em 2025.

O melhor foi a resposta da guria que era da umbanda, que tava falando da umbanda. Ela disse que sim.

31

Domingo

Tá pra jogo essa camisa?

Eu subindo o morro, a camisa do Caxias na mão, o guri achou que eu queria trocar por crack. Minha camisa do Grizzo, de 1998? Ele sim um craque. Mas bem capaz.

Daí na casa do Mirko, churrasco e vinho. Ouvimos várias vezes a palavra jogo, pois tinha um na tv e se usou também no sentido de atirar coisas fora, ou dentro, como rejeitos, conversas.

Apareceu no Mirko outro loco, o Ornado, que tem um poema do Mirko pra ele, uma história de cavalo. Diz que o Leandro tinha esse cavalo, aí doou pra alguém no interior, e o bicho voltou numa noite fria:

“cheio de alegria e trela

percorreu muitos quilômetros
cruzou sangas e aramados
até chegar à BR
atravessando-a entre os carros”

Cumprimentou o antigo dono pela basculante do banheiro e largou de volta pro campo.

Li o poema em voz alta, brincamos de milonguear. Eu bebo e me dá ganas de sair lendo poema em voz alta.

Tem outro jogo meio tácito, nesses churrascos no Mirko, que ele bota uma música e diz duvido vocês conhecerem. Eu sempre sei, a gente tem essa coincidência de gostos, o Mirko e eu. O gato dele se chama Aldir, pra tu ter uma ideia. O Mirko eu começo a brindar dizendo que o Aldir Blanc é um dos maiores escritores da língua portuguesa e o Mirko a gente completa, em coro, “de todos os tempos”.

Dessa vez foi o Opeth: ele botou, eu identifiquei, ficamos ouvindo metal, até que ficou meio feio ouvir metal no carnaval, pulamos pro Durutti Column, feio igual, mas pós-punk, pelo menos.

A única coisa que eu não gosto do Mirko é o Bob Dylan.

32

No hipódromo

Os cavalos do Cristal, os nomes deles já eram jogos: Silvestre Stallion, Alfredo Le Pera, Clave de Lua.

Eu largava fincado do serviço fim da tarde pra chegar na primeira corrida, ficar olhando aquele baita pôr do sol, as nuvens água-na-boca, o céu que no hipódromo é maior do que em qualquer parque. O próprio hipódromo, pra mim, quando eu ia, era um parque – o arzinho fresco, as pessoas, olhá-las.

Os cavalos, a corrida mesmo era um detalhe. Meio que sempre ganhava o favorito. Eles desfilavam na frente do povo, a gente olhava o estilo, o compasso, era óbvio o favorito. O jogo, a aposta, eu botava no máximo um pila, com medo: era o que eu tinha, um pila, um medo.

Uma inocência. Só vi uma vez aquele senhor com um guri no colo, de mãozinha dada. Cabelo lambido de crente, peruca preta. Uma pacatez. Tanto é que eu levava os amigos vegetarianos. Mas não é que, bem no dia em que o Pai do Nacho foi comigo, um cavalo tropeçou, quebrou a pata, foi aquela dó, todo mundo de repente muito humano.

Cobriram o bicho, ele gemia que nem gato com dor de barriga. Botaram tapumes entre a plateia e a cancha. O que será que tão fazendo com ele?, era a pergunta, e ninguém queria saber a resposta.

33

Sorte

Em vez de jogar fora daria pra fazer um moletom, disse a Kunti, sobre os rolinhos de algodão que o meu umbigo peludo absorve, praticamente mastiga, raspando a parte de dentro das camisetas.

Sorte no jogo, aquela coisa, mas no meu caso é o contrário: sorte no amor, em geral, porque o Caxias perde e perde, e a Kunti, olha ela aqui do meu lado, quentinha, o cheirinho que eu acabo de sorver.

Depois ficamos tomando mate no sol, no parque, um namorinho pacífico, de velho ou de criança. Ela me mostrou uma araucária que é um baita bioma: cheia de trepadeiras, bromélias, orquídeas, cipós, passarinho, lagarta.

Ontem ela foi comigo ver o jogo, disse que o time parecia mais compacto, mais firme. Tem mais gente no meio de campo, uns volantes, ela observou. Isso dá mais equilíbrio, melhora o toque de bola.

Resultado: ganhemo.

De modo que ando com sorte no amor e também no jogo. Eu podia até jogar na loteria, no bicho, pra me vingar daquela vez, anos atrás, que eu tinha seis reais e a opção de pegar um ônibus, pra ir encontrar minha antiga namorada, ou aplicar essa grana no bicho, num número que eu tinha sonhado. Fiz o quê? Fui a pé de leste a oeste, pra casa da guria, e joguei no bicho, numa bodega, seis reais, e não ganhei, e quando cheguei na casa da guria ela falou que não sei, sei lá, e terminou comigo.

34

Sábado

Os jogos interescolares são um grande momento sempre, pra gurizada, é um passeio. Ficar a manhã toda numa quadra, sentindo aquele cheiro que é meio de pastel frito, meio de parquê, meio de borracha. Os alunos vão lá com uma sensação de que fazem parte de alguma coisa, a escola de repente vira uma escolha.

Pros professores não sei, pra mim é ambíguo. Por um lado, é um alívio não precisar dar aula de português ou religião. Por outro, ficar a manhã toda numa quadra vendo a piaçada jogar mal xadrez ou handebol me faz pensar que não teria sido tão pior assim se eu tivesse ficado na escola dando aula de português ou religião.

E tem também a memória, de quando eu, na escola, a gente ia jogar ou torcer pros colegas. (Ganhemo, porra!, a gente dizia. E a professora Neiva corrigia. Ela ficava fumando, nos dava uma bola, dizia “vai” e ficava fumando, na aula de física. Ela nos corrigia: ganhamos, porra!).

Teve uma vez que fomos numa quadra grande, no centro, deviam ser as finais. Aí um colega colocou fita isolante no tênis dele, enrolou toda a ponta, assim, do tênis, naquela parte que se desbeicha quando a gente chuta a bola. Ficamos naquelas de bóóó, que baita ideia.

Esses tempos, fui cuidar dum recreio e me chamaram pra jogar bola, na escola: vem, psor, vem, e eu: perai.

Fui catar fita, enrolei no meu tênis que fiquei parecendo um doente de desenho animado, tapado de esparadrapo no pé. Um dois passos e pensa o tombo que eu levei, com aquela fita lisa, lisinha, na sola do tênis. Nem cheguei a chutar. E o tênis, quando fui tirar a fita, se desmanchou porque a fita, nessas décadas de evolução tecnológica, ficou melhor, mas os tênis...

Pior que o jogo dessa vez era de basquete, infantil. Aquela coisa: os marmanjinho tudo prum lado, cai a bola, tudo amontoado se batendo cabeça pra catar ela do chão. Alguém consegue recuperar, pica a bola duas vezes, ela cai de novo, rola pra lateral... Cesta é a última coisa que tu vai ver num jogo desses. Os guris botam toda a força pra lançar a bola e ela não voa nem dois metros, na altura humana.

Tinha que ter um formato facilitado, coitada da piaçada nessa correria inútil. Uma espécie de nilco, tinha que ter. Sabe o nilco? Newcomb, vi agora que se escreve assim. Aquele vôlei que tu segura a bola na mão, praticamente um stop. Aliás, por que não se joga stop nesses torneios escolares? Um jogo transdisciplinar: palavra e ação; ideia e correria.

A escola, olha, nem pra se divertir.

Por um talhe

O urologista: não sobrou ninguém!, disse ele, olhando o espermograma. Eu já sabia, tá bem nítida a frase “não foram observados espermatozoides na amostra realizada”, no exame que realizei em 24 de dezembro do ano passado, a punheta mais sem graça da minha vida, no hospital, no natal.

E além do mais, empiricamente, como dizem, a Kunti e eu já tínhamos verificado com deleite a eficiência do procedimento cirúrgico.

Esse médico, a primeira vez que fui na consulta, ele viu minha manta grená e disse que alívio, escapar do rebaixamento. Isso foi logo depois dum jogo em que Caxias se salvou por um detalhe, o goleiro operou milagres.

Foi basicamente isso, aquela consulta, não cair pra quarta divisão, e o que o Caxias devia fazer pra sofrer menos na vida. O cara ia fazer uma vasectomia e nem perguntou se eu tinha de fato um saco escrotal.

Joça

Pior foi o outro que, durante a prova do concurso pra professor, tocou o celular dele. Eliminado. Sem discussão.

Ele olhava pra prova, olhava pras mãos, balançava a cabeça como se tivesse sido expulso do jogo por ter cometido uma falta sem querer. Tipo um caso de doping: encontraram com ele um comprimido pra dor, mas ele não tomou o comprimido, só tava ali, pra depois, se precisasse.

Tanto esforço, ele tinha levado inclusive chocolate num saquinho transparente, tava seguindo as regras, o rapaz, ele e seus cinquenta anos. Na próxima vez vou jogar fora essa joça antes da prova, ele saiu dizendo, a cabeça balançando como se a joça fosse ele inteiro, cogitando a janela.

Daí ficamos todos pensando, na sala da prova: será que vai tocar meu celular também? Pra tu que tá lendo isso daqui a cem anos: tinha disso, o aparelho eletrônico. Tu aí, nesse mundo maravilhoso: eles, não sei, os aparelhos tocavam mesmo desligados. Tocar que é play em inglês. Play que é jogar.

O bom é que tava lá o Maria, fazendo a prova também. Sabe que eu joguei no

Caxias?, ele disse. Contou que foi camisa 10, antes de virar professor de português e escritor de brasileiro. Apertamos as mãos, um aperto firme, de bairro. Vamos ser amigos.

37

No shopping

Diferente do Sandro Paróquia, no dia anterior, que tinha um encontro sobre o Pozenato, em Caxias, no shopping. Bem coisa de Caxias, um evento literário num shopping center – na parte de fora, ainda por cima, no estacionamento, no frio, na chuva, no vento, na cerração, as pessoas passando com cachorro, com criança, com pipoca, tocando celular.

FLISGA, o nome do evento. Festa Literária Internacional da Serra Gaúcha.

Tava eu, uns imortais da intelligentsia regional e esse Paróquia, e fui apresentado como jornalista, professor da universidade. O Paróquia procurou meu nome na internet, apareceu isso, não sei de onde, e ele acreditou. (Tu aí daqui a cem anos: as pessoas acreditavam na internet.) Falei que na verdade eu era apenas um professor municipal, desses que faz concurso por salário mínimo, mas que estou disponível pra tramar na universidade, sem problemas.

Aí meio que me queimei. Ou me queimei por não ficar na lenga-lenga de “Pozenato é um mestre, Pozenato é um amor”. Os imortais regionais me olhavam com uns zoião assim, que até pensei: pronto, perdi meus amigos da colônia.

Eles iam rebatendo com dados, com fatos. Quem é que vai ler Pozenato hoje em dia? Só quem tá interessado na história da imigração italiana na serra gaúcha, eu dizia. E os imortais: o mestre era versátil, poeta, romancista, cronista, tradutor, gestor, professor, pai.

O problema é da colônia. Agora que morreu o prócer da literatura local, também se acabaram as histórias de padeco na roça. Nem sei se sobrou alguém pra azeitar os tratados entre a modernidade tratorante e o passado mulambundo – de mula, mulambento e moribundo. Eu, vileiro mal-educado, eu quero mais é ir morar em Amsterdam, máximo anseio de um vileiro mal-educado.

Que é o que me brotou de novo em seguida, quando eu tava tentando ouvir o Xadalu, artista visual, no evento esse, no shopping.

Era uma conversa sobre livros indígenas, que em geral são ilustrados, o do Xadalu é bem. E o produtor cultural que tava com ele, no palco: “tem que jogar, néa, o texto com a imagem”. Produtor cultural é que nem despachante, falei pra Kunti. O negócio dele é ir atrás da burocracia que as pessoas não têm saco pra fazer. Um livro, um edital: é como ir no Detran

por causa dum carro.

Mas eu sentado, a Kunti do meu lado, umas pessoas não paravam de falar atrás de nós. E olha que o Xadalu tinha um microfone de primeira, sem microfonia, altas caixas modernas – eu só escutava os branquelo brataqueando. Aí me viro: vocês não gostariam de sentar?

Fui gentil, como se vê. Só que falei enquanto me virava, e ao terminar a frase vi que eu tava xingando, assim gentilmente, o tal do Paróquia, o dono da empresa produtora da FLISGA.

Bá, pra quê. O cara nunca mais olhou na minha cara. Mas enfim ficaram quietos, ele e a sócia, começaram a respeitar o evento deles mesmos.

Assim vou jogando no lixo minha reputação, a que eu nunca cheguei a ter.

38

Joguinho nervoso

El juguete rabioso, do Roberto Arlt. Uma amiga me trouxe da Argentina. “Lembrei de ti”, aquela coisa. Tu sabia que eu tô escrevendo sobre jogo?, perguntei. Não, diz ela. Então é isso. A providência quer que eu trabalhe.

Gracias, Débora.

Leio, vou lendo. A parte mais marcante é quando o narrador e um loco chamado Dio Fetente, que beleza, eles tão carregando as tralhas de uma mulher numa mesa de cabeça pra baixo, pela rua – as coisarada da mulher em cima da mesa invertida, como se fosse uma carroça, um caixão – e os homens carregando a mesa pelas patas, um espetáculo. Daí chego quase no fim, na página 80, bem na hora que o herói tá oferecendo a máquina de escrever a partir da fala – um belo mecanismo de digitação por voz, *avant la lettre* – e eis que a página seguinte é de novo a 65, ou seja, o livro volta pra quando o narrador e um loco chamado Dio Fetente, que beleza, eles tão carregando as tralhas da mulher na mesa de cabeça pra baixo, pela rua, as coisarada dela em cima da mesa invertida, como se fosse uma carroça, um caixão, a mesa, os homens carregando pelas patas: um espetáculo.

Só pode ser brincadeira. Taí o joguete raivoso: o leitor em círculos num livro do Arlt.

39

Propaganda

Tem uma propaganda. Faz meses que vejo. Desde o segundo dia destas notas jocosas. Desde que comecei nesse emprego. É um anúncio que diz assim: publicidade pra mudar o jogo.

Confesso. Tenho que confessar. Omiti essa ocorrência da palavra mágica. Tudo pra não admitir, tudo por preconceito. É que eu não quero a palavra mágica imiscuida com anúncios da jornada suja.

Mas tá. Já foi. Vamos analisar com justiça essa ocorrência.

Mudar o jogo, mudar o jogo. A publicidade se propõe a isso. Vender mais o que tu tem aí travado. Tipo a literatura. Um anúncio de literatura, já vi. Uma empresa oferecia serviços de escrita pra idosos. “O que fica de nós é história”. Mas mudar o jogo. Pela publicidade? Já pensou se a publicidade pudesse mudar como se lê?

O produto melhor vendido pela publicidade é ela mesma. Como naquela vez que fui revisor numa agência. Aquele ali é um grande artista, diziam. Tu olhava e era um cara descabelado. Vai saber o que ele fez. Dormiu logo depois de tomar banho? Um artista. E outro, tristinho. “Gente, tô indo pra Londres...” Todos ficaram olhando, como se ele tivesse dito que tava com câncer. Bateram palma pra se recuperar logo.

Fiquei mais viajando em quem monta esses anúncios, numa escada capenga, um outdoor (que em inglês é *billboard*), descendo a cada minuto pra trocar a escada de lugar, arrastar a lata de cola, os pedaços de papel. É assim um anúncio, tudo pedaço pequeno de papel, tudo colado com pincel na madeira, com escada, com um ajudante que fica fumando, pior que dar aula no sétimo ano.

Só não é pior do que editar livros, montar os “cadernos”, aquela coisa que uma página não pode ser impressa depois da imediatamente depois dela, não sei, tu sabe? O pessoal que editou *El juguete rabioso*, que pena, agora tô lendo pela sexta vez o salto que dá entre a página 80 e a 65. Na 80, o cara tá falando com uns oficiais da aeronáutica sobre motores, química, eletroímãs, a tal máquina que escreve o que tu dita, e na 65 tudo volta a ser papel, sobras de papel, papel picado, valorado por quilo, por vendedores de porco e feirantes turcos, que espetáculo.

40

Jogo das cartas

Quando é que nós vamo fazer de novo aquele jogo das cartas?, pergunta a Medusinha.

Esse jogo eu não sei como me veio, na hora, numa aula sobre cartas, que eu também não sei de onde me veio isso de falar de carta, no sentido de epístola mesmo, no século 21. É assim:

Cada pessoa escreve prum destinatário qualquer, inventado, tudo inventado: o destinatário e o remetente. Aí o sor pega as cartas e distribui aleatoriamente. O seguinte passo é pegar a carta que tu recebeu e dar continuidade, responder de modo coerente, incorporando o papel do personagem criado pelo colega, acrescentando elementos, o que tu quiser. Depois, uma terceira pessoa recebe as duas cartas, com a tarefa de dar sequência, no papel do primeiro remetente. Isso pode se prolongar pra sempre, mas numa sala de aula três rodadas (três cartas, escritas por três pessoas diferentes) já tá de bom tamanho.

Exemplo:

Querida netinha, como vão as coisas?

Aqui tudo bem. Depois de certa idade, é isso: basta não estar ruim pra que esteja tudo bem. Como o amor. Na tua idade, é tudo tão emocionante... Na minha, o amor é mais culpa por não ser capaz de sentir nada além de gratidão pelo carinho recebido do que propriamente um desejo diário de ficar junto com a outra pessoa. Um companheirismo, se preferir. Mas perdoa minha melancolia. Está chovendo há cinco dias.

Não quero forçar nada, mas pode vir me visitar. Se tu avisar antes, eu te faço uma rosca de polvilho.

Cara vovó,

nesse momento estou com muito trabalho, o que é uma coisa boa. A senhora não dizia que eu precisava estudar e ter uma boa profissão? Então, a senhora não vai acreditar, acabo de arrumar o emprego dos sonhos: sou encarregada de um laboratório deles, pras pessoas que, mesmo na nossa época, insistem em dormir.

Minha função é simples: produzir ideias estranhas que caibam no inconsciente de cada um. A gente oferece um catálogo e cada pessoa vai lá e escolhe o sonho desejado. Estou muito empolgada, mas assim que eu tiver um tempinho eu vou visitar a senhora, com certeza.

Da sua neta, com amor, Cecília.

PS: A chuva ajuda a dormir e, nesse período, estou trabalhando como nunca.

Querida neta,

fico feliz que, apesar de estar com tanto trabalho, tu tenha encontrado um tempinho pra me responder, mesmo que dois meses depois. Que bom que as coisas estão dando certo por aí, é a prova de que a vida não tem como dar errado o tempo todo pra todo mundo.

Não sei se sonho de velha ainda vale alguma coisa, mas quando acabar tua inspiração pode vir buscar alguns, que tem um monte aqui no porão. Já dizia minha mãe: quem guarda sempre tem.

41

Recado

A gente escreve como a gente vive. Eu, no caso, tomo notas do jeito que dá, às vezes por áudio, depois jogo aqui. Fico me iludindo que um dia vou pegar meus trechos e daí sim escrever, mas no fim escrever, o que fica, são as notas, precárias como um emprego, um desejo, alguns dentes.

Hoje, fazia tempo que eu não parava, na cadeira de balanço, com a cabeça escorada, olhando pra parede. Reparei que eu tenho um papelzinho colado ali, que diz assim:

“Não te traves língua minha,
vê se não vai te turbar;
não se acerta antes de errar;
embora a fama se joga,
o que por gosto navega
não deve temer o mar.”

São versos do *Martín Fierro*. Um recado dele pra nós, que volta e meia paramos olhando a parede branca.

42

Jogo de botão

Sonhei que meus alunos andavam conspirando pela escola, nos cantos, e eu descobria que o segredo deles, eles tinham descoberto as maravilhas do jogo de botão. Andavam pelos corredores cochichando pra decidir quem iria no mercadinho comprar os times, comprar os

adesivos, e eles tinham, eram quatro, tinham quatro times pretos, tipo panelinha, aqueles botões mais baratos, é assim que se começa.

Eu pensava: poxa, qual foi o critério que eles usaram pra comprar esses times aí tudo igual? Os símbolos, inclusive, eram iguais, tipo o Santos, o Bragantino, quando existia o Bragantino, tudo preto e branco. Por que não pegaram cada um um time duma cor? Decerto pensaram em times que ninguém torcia pra eles, pra nenhum ser exclusivamente do time do coração, já que todos tinham direito de ser.

Mas eu incentivava, mais do que a estudar português. Eu inclusive catava nas minhas tralhas, num depósito que eu tinha, eu pegava um botão clássico pra cada um dos guris, um craque do Caxias, um do Livorno, e deixava eles jogarem no campo profissional, aquele que o Pai do Nacho tinha, de madeira, com as goleiras de metal, a redinha de algodão. Será que eu dou os meus times pra eles, as bolinhas profissionais, todo o cenário? Não não, eu pensava, é mais pedagógico deixar as crianças com vontade.

Tu vê só, teve um momento, uma última febre infantil, que nosso grupo de amigos se reunia pra fazer campeonato de botão, as namoradas, os guris, tudo marmanjo, nós passava a madrugada disputando um torneio, botava os hinos dos clubes, tinha premiação, tinha até filmagem, pra resolver lances polêmicos.

Daí os casais cada um começou a botar seus botões em campinhos alheios e acabou a brincadeira.

43

No cinema

A quadragésima ocorrência da palavra jogo surgiu num filme sobre coletivos artísticos da roça. Um filme ruim, que fui ver com a Kunti e o Arjuna por consideração a uns conhecidos.

Ruim, que eu digo, é um documentário em que as pessoas ficam sentadas falando banalidades, repetidamente, todos os entrevistados falaram a mesma coisa: é importante a cultura, a cultura é importante.

Daí tinha uma hora lá que um cara falou dum projeto desses pras crianças da periferia, que jogavam futebol, foi ele que usou a palavra jogo, no sentido de praticar o esporte esse que o Caxias tem tanta dificuldade de praticar.

Ainda vamo te levar pra ver um filme bom, falei pro Arjuna, coitado, que a gente só leva ele pra essas coisas que os amigos fazem: filmes sobre arte, filme de ditadura, o Arjuna eu quero levar ele pra ver um Mad Max das antiga.

Era isso que eu tinha pra falar sobre cinema.

Mais interessante foi que antes, em Madri, eu tava vendo o clássico entre Atlético e Real, na tevê. O Atlético fez um gol aos 20 segundos, depois perdeu nos pênaltis. Nada mais ingrato que torcer contra o Real. Pode vir com a fantasia que tu quiser, pode ser tricolor, amarelo, preto, o que vence é aquele branco chato, plano, o Real. Pode até perder durante o jogo, depois ganha nas penalidades. Uma frase da transmissão: “the colchonereros are struggling against Real”, e é isso mesmo, se tu for ver: os colchonereros (os que estão no colchão, dormindo, sonhando) estão se estrangulando contra a realidade.

Que viagem alguém poder dizer, alguém poder, e dizer eu sou o rei, o que eu faço é o real. Saudade duma bela revolta. Como seria o futebol no Mad Max?

44

Na ponta da língua

Jogar fora o bebê com a água do banho. Me veio isso agora, na sesta, que eu tô gripado, dormi duas horas e meia. Acordei como naqueles versos do Espinosa, o Gustavo:

“Quem, na distopia
tóxica da sesta,
não vai ser abatido pela angústia
de ser só uma alma
dentro dum cuspão?”

Sonhei que eu ia numa psicóloga, um exame admissional de emprego. Eu estacionava o carro num lugar que eu achava que era a casa da psicóloga, dentro, e abria o portão. Era uma casa antiga, de rico sul-americano dos anos 1960. Mas aí eu me dava conta que na verdade a psicóloga ficava lá noutro bairro, bem mais longe, e faltavam cinco minutos pra consulta. Eu tentava ir de triciclo, eu tirava um triciclo de dentro do carro, tentava pedalar, não rendia. Então aparecia a dona da casa, uma senhora, uma anciã, digamos, com um bebê no colo. Fumando, a velha.

Eu pedia desculpas, tinha sido um engano, a casa onde eu ia era parecida, me desculpa, e ela: tudo bem, tranquilo. Nisso chegava o marido dela, também senhor de idade, e os dois eram médicos, deduzi. Ela falou que ia pro trabalho, era pediatra, a mulher. Fui pra psicóloga fumando um cigarro da pediatra.

Acordado (só uma alma dentro dum cuspe), fiz meu mate (já fiz dormindo também) e peguei um livro que não lembro por que o Pai do Nacho me passou. Se chama *O nome na ponta da língua*, tava num canto da mesa. Abri no meio, dizia assim:

“(O pensamento não é mais do que o substituto do desejo alucinatório). Por um lado, todo pensamento é, originalmente, mentiroso. Por outro, toda palavra é uma mentira. *Ersatz* é a palavra de Freud. Sonho [*songe*] e mentira [*mensonge*] são as palavras com que nossa língua joga.”

O livro é do Pascal Quignard. A frase entre parênteses, a primeira, é do Freud, tá no livro sobre os sonhos, creio.

Acho forçado dizer que o pensamento e a linguagem são mentiras, fraudes. É só um efeito literário, falar isso, um efeito falso. Substitui a palavra mentira, ou pensamento. Embaralha tudo ali, que dá na mesma. Toda mentira é, originalmente, pensativa. Toda palavra é um pensamento. Ou então: todo sonho é um pensamento, ou todo pensamento é um sonho, ou toda mentira é uma palavra. Bobagem.

O que vale dessa citação é a palavra jogo, no sentido de brincadeira séria. A ideia de palavra como mentira, de pensamento mentiroso, nasceu aí por causa do trocadilho em francês, *songe*, *mensonge*. Em seguida, o cara fala em ficção, como se fosse sinônimo de mentira: “O pensamento é condenado à ficção porque é condenado a negar algo ausente”. Então vamos brincar também: ficção, fricção. O pensamento é condenado à fricção porque é condenado a aceitar algo presente. Condenado: condensado. É o prazer do texto, de escrever. Grandes coisa.

45

Livro jogo

Eu não me lembro quando conheci o Oulipo, o grupo francês de literatura brincalhona, que inventa regras pra escrever jogando.

Eu não me lembro do primeiro jogo do Caxias que eu vi, nem dos atletas da época.

Eu não me lembro da última vez que fui no teatro, que peça, que cidade.

E eu não me lembro do título, do autor, do enredo, só que tinha uma galinha.

Era um livro que a cada capítulo, no fim, a gente tinha que escolher entre duas opções: se a galinha, digamos, pula do ninho pra comer quirera ou se fica lá bem bela, transida na modorra do choco. Isso te levava pra página 80, ou pra 65, que cada uma se subdividia, e por aí ia.

Depois, o Cortázar, antes de ir trabalhar na banca do Mauro, ele fez a mesma coisa no *Jogo da amarelinha*, que eu não me lembro quando li, se traduzido, que editora, mas é um romance em que os personagens ficam brincando de se encontrar por acaso na cidade, de se passar erva-mate por uma prancha entre um prédio e outro, sobre a rua, e disputam pra ver quem vai extrair mais pasta de dente do tubo de dentifrício.

Se quiser ler o capítulo do Cortázar, vai pro 58.

Se quiser ler um de galinha, é dez depois.

46

Teoria da marginalidade

Tem também o jogo como folga na direção. Meu uno joga pra esquerda, puxa, que nem cavalo incomodado. Fui no mecânico, falei em folga, o Fernando falou em jogo, disse que é normal esse jogo pra esquerda.

É uma tendência, ele disse. Se não é o carro, a própria estrada desvia o bicho a combustão do meio do caminho.

Aí me veio a teoria da marginalidade, que toda estrada conduz pra margem, elas são construídas pra isso. Já reparou como a chuva, quando cai na rua, ela escorre do centro pra sarjeta? As ruas são construídas pra isso.

Um carro, se a gente solta o volante, ele tende a ir pra margem, uma bicicleta, uma moto, as estradas são construídas com a inclinação pra que isso aconteça. Por segurança, decerto, porque é preferível, no mundo, que o motorista bata o carro num poste do que em outro carro que vem na direção contrária. Mesmo a pé, a estrada nos leva pra margem, se tu for ver. No meio da rua tem muitos obstáculos que atropelam, só nos resta a calçada, a beira, a margem.

A única maneira de andar tranquilamente no meio da rua é quando não tem mais ninguém, de madrugada, por exemplo, numa estrada rural. Essa é a opção do artista de cidade

pequena, fugir dos entulhos da avenida, ficar só com o risco de ser perseguido por algum cachorro, alguma vaca de mau humor.

Mas se o cara quer enfrentar o mundo no meio da rua, na luz do dia, ele tem que aprender a dirigir, nem que seja uma bicicleta. Seguir o trânsito, fazer parte do fluxo, aceitar uns limites, espetar outros, quando possível, mas aceitar certos limites. Segurar firme a própria direção, senão o meio leva ele sem querer pra margem.

E tem o jogo como traquejo, algo como o lado bom do jogo como folga. Se bem que folga, folguedo, é a brincadeira. A ideia de folga como algo ruim é que dirigir, quando tu quer ir prum lugar, é diferente de derivar, escorrer pelas beiradas. Esse livro tá mais nesse sentido, acho, menos fixo, vamos indo, de folga, passeando.

O jogo traquejo, no caso, é a malemolência, não levar tão a sério, seja água, parceiro. Tem que ter traquejo, é o jeito, o jogo jeito, o jongo.

O Fernando, o mecânico, é o cara mais tranquilo. A gente chega lá, ele nunca faz cara feia. Um uno? Tudo bem. Ele se escora no carro, puxa conversa. Tem jeito?, eu pergunto. Se não tiver, a gente inventa, ele diz.

47

No sótão

Aquela bicicleta
que deixei no sótão dela
jogo fora.
Senão vou ficar pedalando
até quando?

Sonhei com minhas coisas espalhadas, eu percorria as cidades, Porto Alegre, Florianópolis, Roma, atrás das coisas que deixei, fui deixando, na casa dos outros. E as chaves, quantas chaves eu tinha no molho, até encontrar a chave certa pra abrir as casas velhas, que mão.

Carro na oficina, folga na direção dá nisso.

48

Agonia

O Huizinga fala do Aristófanes. De vários gregos, na verdade, porque o Huizinga identifica o jogo, a brincadeira, o humor, a competição em tudo que é criação humana, inclusive na filosofia, então como é que não ia falar do teatro?

O Aristófanes, principalmente *As rãs*, é um paradigma. *As rãs* é uma comédia sobre as tragédias, sobre poesia, sobre crítica literária, um espetáculo. O personagem principal é Dionísio, que vai pro mundo dos mortos atrás dos poetas trágicos, os únicos que poderiam salvar Atenas da decadência.

Daí tem uma disputa entre o Eurípides e o Ésquilo, no inferno, cada um falando mal do outro e bem de si mesmo, da própria obra, no caso. Parece uma briga entre um parnasiano e um modernista, tem até uma cena em que os dois ficam pesando versos numa balança. Um troço assim humano, comovente.

— Tu faz versos dum jeito que dá pra acrescentar neles tudo que se quer: torrãozinho, garrafinha, odrezinho — diz o Ésquilo.

E o Eurípides:

— Ah é? Quero ver — daí ele recita um verso lá dele:

“Dionísio, com seu bastão,
com suas peles de veadozinho,
dança do cume do Parnaso”

— E perde o seu odrezinho — completa o Ésquilo.

Que espetáculo.

Essa cachaça, hein, vou te contar, diz a Kunti, e eu vou mostrar pra ela a peça do Aristófanes, pegar uma balança, pesar meu texto em público na porta do prédio.

Aliás foi assim que surgiu a palavra agonia: dessas disputas entre poetas, debates pra ver quem vai conseguir escapar do inferno.

49

O fedor da América

Lendo o Rodolfo Kusch, é difícil escolher uma só citação sobre jogo, pois ele fala muito em jogo, e fala de um jeito cheio, pleno. O Kusch pensava sobre o assunto, usava bem a palavra.

Ele falando sobre *estar*, por exemplo, ele diz que é uma encruzilhada, a gente de pé numa encruzilhada, isso é *estar*. É o que acontece com a gente na América do Sul e que nos dá uma visão autêntica do ser humano, é a vantagem de sermos subdesenvolvidos, ele diz, num ensaio chamado *O pensamento indígena e popular na América Latina*. E conclui que assim “podemos tentar a sorte da nossa própria história”, que eu entendo como não ter medo de arriscar, e também que tanto faz, provavelmente, o caminho que se pega, porque na América tudo tá sempre pra acontecer, já aconteceu, nunca acontecerá e tá acontecendo, por acaso, o tempo todo.

Mas não sei. O Kusch me dá essa coisa, acho curioso, um ensaio bom tem esse efeito: ao mesmo tempo a gente concorda, mas fica o pé da pulga atrás da orelha, porque o ensaio é um tipo de texto que a própria pessoa que escreveu não sabe bem o que quis dizer. Ela tá falando, tateando, e vai se deixando levar pelo efeito literário, a aventura, vai jogando com o acaso, vai entendendo o que ela mesma gostaria de dizer.

O Kusch tem outro, bem a propósito, chamado *Proposta de uma arte americana*, que diz assim: “uma arte verdadeira não tem como estar longe da verdade, porque daí não seria arte, mas jogo. O jogo tende a ser falso, enquanto a arte não pode sê-lo”.

É diferente do francês lá, que falava em mentira, que falava no pensamento – e na ficção – como mentira. Pro Kusch, latino-americano, as ideias se formam com outros elementos, e a arte, como o pensamento, não podem ser falsos. Ele fala na coragem de ver o mal, de lidar com o medo, e comenta que o grande lance da religião é a confissão da verdade: isso também tem na grande arte, ele diz. Se não confessa, a arte mente, vira apenas diversão. Mas só confessa quem tá com pressa, ele diz, e quem não tem nada a perder, adjunjo, adjogo, eu. Não dá pra ser um diálogo, ele diz, tem é que “jogar na cara dos demônios, que nos rodeiam, a evidência de que estamos vivos, por medo de que eles nos devorem.”

Como vai ser mentiroso um pensamento desses, tão manifesto na realidade da urgência? A literatura tá cada vez mais confessional. Talvez por que pretende ser arte ou, pelo menos, verdade.

Depois, tateando nessas, o Rodolfo encontra o argumento de que a arte americana deve ser uma arte de analfabetos, porque os letrados, “com medo da vida consciente da cidade, preferem o jogo, na arte”, e assim nunca vão fazer arte de verdade.

Os letrados : os franceses.

Não tinha aparecido aqui, ainda, tão explícita a relação entre jogo e falsidade, entre brincadeira, diversão e inferioridade artística. Pra além das comparações possíveis com o Pascal Quignard, daria pra dizer também que a ideia do Kusch expressa o contrário do que

diz o Huizinga, porque o Huizinga vê no jogo a coisa mais autêntica, mais originária. Acho que no fundo o que o Kusch critica é o frufu, a perfumaria, o que tenta inutilmente esconder o fedor da América.

50

Campeonato de contos

Tem aí um campeonato de contos, que decidi participar com o Pai do Nacho. É um esquema de internet, um site desses. O jogo é tu mandar contos anonimamente, aí os demais inscritos leem teus textos e tu lê o deles. E dão notas, fazem comentários. São três divisões, A, B e C. A gente entra na C, depois vai subindo, ou é rebaixado. O tema é comédia.

Exemplos de comentários meus pros contos dos outros. Selecionei os que citam a palavra jogo.

“A bela casa em que seus filhos nasceram e cresceram foi vendida para pagar as dívidas de jogo do falecido marido, Adalberto.”

Esse era um conto que eu não li todo, nenhum eu li todo, a não ser o do Pai do Nacho, que é bom mesmo, eu teria lido inteiro mesmo sem saber que era o conto do meu amigo. Mas esse conto aí do Adalberto, na verdade, é o conto da Nadja, da Filipa, do Petrônio, daí meu comentário focou nessa coisa de eu não saber a diferença entre as personagens (a lista segue com Lucélia, Margot, Gregório...). Eu também não saberia discernir entre um José e um João. São nomes de um mesmo lote e, nesse caso, soam todos como paródia. O problema é que não é de propósito. Quanto ao uso da palavra jogo, também acontece acriticamente. “Dívidas de jogo” é só um clichê.

Outro que fala em jogo é sobre um casal que o marido é um traste e a mulher, aquela coisa, explorada, daí ela entra num grupo de internet sobre pornografia. A ideia é empoderamento pela literatura erótica e, no fim, viram vampiras, a heroína e as amigas dela. Meu comentário:

“O suor do futebol sempre fazia a virilha de Adair coçar. O jogo o deixara esfomeado, só pensava na comida que estaria no fogão lhe esperando.”

Na verdade, essa é a citação do conto, copiei sem perceber. Meu comentário é o seguinte: a ideia da reunião e da libertação das mulheres pela literatura é boa. Só senti que poderia render mais, caso a narração se entregasse menos à tentação das piadas manjadas (o marido inútil, a mulher desprezada, os contos eróticos, os grupos de internet), ou se houvesse algum estranhamento durante o texto, inclusive um estranhamento metaliterário, já que se trata de um conto sobre literatura.

Por fim (esses contos têm sempre um *deveras*, um *assim sendo* e um *por fim*), trago outro que fala em jogo:

“De noite eu vejo os meus amigos daqui do prédio, a gente joga bola até apagarem as luzes da quadra. Pouco antes de dormir, ele fora incumbido de jogar o lixo fora.”

(Esses contos sempre têm um *fora*, um *incumbido*).

Aí é um conto sobre a iniciação sexual, a curiosidade, o inevitável que pode ser assustador. A mão que escorrega pra poesia, num jorro, e o livro chega na casa da vizinha, esse apartamento estranho, de outro, de noite, simbolizado pelo 808: um vazio no meio de infinitos redondinhos.

Então se ouve uma voz do lado, que é a da própria mãe, a do próprio pai, e é a voz dos amigos: tudo chama o filho, o Felipe, o “Filhipe”. Até que ele assume a seda, veste mesmo uma camisola, e nos lê o poema que escreveu pro padre, pro sagrado, digamos.

Talvez o humor aqui seja nos fazer pensar que, poxa vida, é difícil resolver a questão sexual quando somos adolescentes. Ainda bem que existe a poesia.

Tem outro, tem outros, nesse campeonato, todos meio que falam de família, até o meu fala das aranhas e das mosquitas como mães a serem respeitadas. O melhor, o menos pior, é um que fala dum guri que a mãe dele é benzedeira, na Ilha da Pintada, e tem outro, pelo menos um outro, que o cara perde os braços, fica no hospital delirando porque não consegue pegar nada, muito menos uma mulher.

Contos de amador são ótimos pra ver o que tá no fundo da literatura, no fundo.

Ouvi alguém dizer na rua, de piada, “ô, Diogo!”, soando Djogo, o Diogo. Como o “ligue djá” do Walter Mercado, como um hispanohablante hablando de broma el brasileiro, ou o contrário, um brasileiro fazendo sotaque espanhol, por sarro.

Na mesma tarde – parece brincadeira, coisa ad hoc, desenhada pelo destino divino deste livrinho – ouvi também um “vem chocar, vem chocar”, que era um velho desses com um maço de cartas na mão, recepcionando um paroquiano na bodega, pois foi na bodega, eu tava lá tomando um guaco ad hoc.

Ele olhou, o recém-chegado, me olhou, cogitou ergo fuit, mas não falou o que eu sei que ele pensou: Caxias, grená, treino, cinza, não tenho, esse é de verdade, será?, quem usa camiseta de treino é porque ganhou de brinde, achou no lixo ou comprou, fanático: o cara me compra até camisa de treino, cinza, foi o que o recém-chegado pensou, ao me ver.

O que ele não sabe, não sei, é que eu ouvi ele falando esses dias sobre o Caxias aqui na bodega, que a direção ia trazer não sei quantos jogadores, não sei daonde, conversa de torcedor que ouve rádio. Vou apertando as letras na folha, isso foi escrito originalmente em papel. Tá me acabando o caderninho, o último, em plena bodega às cinco da tarde. O que o Caxias precisa, ele disse naquele dia, eu só escutando, faz tempo que digo, ele disse, o que o Caxias precisa é dum torcedor na direção, e agora ele podia dizer de novo, eu ia concordar, quase pensei em dizer eu, dessa vez, pra dar um susto nele, aquele susto legal que é ouvir o que a gente mesmo vive falando.

Mas nem eu, nem ele. Ficamos no pacto tácito de não tocar em assunto espinhoso: o Caxias é complicado falar assim, no bar. Eu vim pra fora pegar sol, ele se acantou atrás da canastra, chocando com os amigos.

52

Segunda-feira

Diz que o guri tava assim dormitando, aquela coisa, sete da manhã, aula de ciências, deus o livre.

A profe mandou ele se mexer, fazer alguma coisa, e o piá, pirado, se ergueu berrando que nem super-herói japonês, urraaaaarrghg!

Agarrou a classe, jogou naquela prancha plana em branco, pregada na parede, que chamam de quadro e representa ao mesmo tempo o objetivo e a barreira da escola, e pegou o armário da sala, e jogou na profe, possuído – os colegas saíram tudo correndo, a profe, imagina, só imaginando.

O alucinado ficou lá revirando tudo, um godzilla.

Alguém foi atrás de alguém e o guri, nesse tempo, ele já tava indo pra escada, uma escadaria, ele ia se jogar, daí veio o profe de matemática e puxou o piá pelo braço, que se virou, pra berrar contra o profe, as frações, a potenciação, ia se atracar no profe, mas outros quatro aproveitaram pra pegar uma perna, um pé, um braço, e conseguiram no fim segurar o rapaz.

Segunda-feira.

53

Araucárias

A Kunti também tem um jogo, tirar foto das araucárias que ela encontra, como neste jogo aqui, só que árvores, ela, em vez de palavras. Mas podia ser escrito, um livro de araucárias, onde, como, quando, biografemas de árvores, arbografemas.

Taqui um presente pra ela, a menção a uma araucária, como dar flores, galhos, espinhos, pinhões: palavras pinheiros pra Kunti, em troca da memória dos cachinhos dela, cobrindo aquele canto onde eu vou me encaixar, ali quase chegando na orelha, onde o perfume, da Kunti.

Respiro a memória enquanto falam de todas as crianças da escola, na reunião pedagógica da noite, quatro horas falando sobre não estar sabendo o que estar fazendo com seres imprevisíveis.

É uma baita duma árvore no pátio atrás do refeitório, perto das laranjeiras. Um prédio antigo, essa escola, um antigo orfanato, cheio de paredes bege, santas pintadas, e as profes atuais, ainda se espera que a gente seja meio freira, em Nova Saló: devoção à burocracia, pudicícia e um horizonte curto como o salário – ó.

Fui tomar meu mate ali, nesse pátio interno, o pátio que as monjas impediam acessar, onde pegava sol, um pecado, o sol, um pecado o mate, que é proibido na escola – fui ali tomar chimarrão e parar de ouvir fofocas didáticas. Fui ali pra fazer de conta que eu tenho o que fazer (era a vantagem de fumar, nessas horas), pra escancarar minha falta de vontade. Cumprimentei a araucária, como se ela mesma tomasse mate, solita no meio das laranjeiras, e tava chovendinho.

Deve ter sido plantada, um pinhão comprido, pelas freiras que hoje encantam as crianças: o fantasma das freiras que abrem rangendo as venezianas em horas miraculosas de silêncio, dias de prova, de temporal. Aparecem as monjas, os véus, decerto pra conferir se a

araucária segue lá, com seus galhos de braços longos, seus chumaços ouriçados sobre as arvorezinhas de casca podre na raiz.

54

Toc toque

Um jogo, nesse serviço, é indo pro serviço tentar chegar no viaduto antes dum determinado carrinho elétrico, pra depois não ter que subir o morro atrás daquela tranqueira. Quando eu consigo, tem consequências boas como pegar uma vaga pra estacionar na rua mais perto da escola e não precisar ver a senhorinha que todo dia, entre seis e sete da manhã, fica acocrada catando folha na calçada.

Sabe essas tias que tudo que não é cimento é sujeira?

Hoje não deu certo meu esquema.

Tali a véia, corcunda catando folha, e me dá vontade de jogar lixo na calçada dela só pra dar um sentido pra essa pira que ela tem de limpar o que não há.

Planejo fazer isso. Chegar mais cedo, xujar o chão dela, ficar olhando, mateando.

Aliás, o meu amigo Maeth, um lado que ele batia sempre sobre a ditadura nem era a violência ostensiva, o grito e a tortura, mas a contenção, o não-me-toquismo, a burocracia neurótica constipada dos milicos e apoiadores. Essa era uma violência ainda mais burra porque pretendia que as calçadas não tivessem folhas e flores, nem pedras soltas, nem pedras, se pá. Flor, pra eles, era bonita somente em arranjos e buquês, de preferência aspergidas com perfume, e por que não flores de plástico numa vez por todas, em lajes de cemitério?

O Pozenato, outro colono seminarista, observou esse espírito transtornado-obsessivo num poema chamado *Brasil 1964*:

“Uma vassoura distraída
varre um céu nunca suficientemente azul”

O que nos faz ver, eu, plenamente a obsessão pela limpeza, incapaz de aceitar a coloração suficiente da própria natureza porca. Comé que é? O fedor da América.

Esse é o toque da Lady Macbeth, lavando distraída e loucamente as mãos, mesmo não tendo sido a real perpetradora do assassinio, mesmo tendo sido apenas uma ansiosa apoiadora do golpe.

Não me espanta que o Pozenato tenha notado o mesmo que o Maeth (anti-Macbeth), porque esses traços malucos chatos são constitutivos da mentalidade colona da serra gaúcha, onde nasceu e se criou o ministro dos transportes da ditadura, Mário Andreazza, aquele da transamazônica. A ânsia pelo trabalho – tanto o das grandes obras que derrubam árvores e enjaulam rios, quanto o dos jardinzinhos e a manutenção diuturna da casa sem nem uma poeira – se satisfaz plenamente com um governo militar, porque a transcendência fica assim realizada de acordo com os limites daquela ideologia: na terra, os grandes progressos industriais, logísticos, características do capitalismo “desenvolvimentista”; no céu, a bênção pra quem passou a vida toda cortando grama e catando folha na calçada – *lavando* a rua, no inverno, com água potável, dando de beber às pedras –, mostrando que é um tipo limpinho e organizado.

(Uma brincadeira legal de fazer com a senhorinha é jogar umas moedas ali, aliás, *colar* umas moedas na laje, na rua. Ficar vendo ela tentar arrancar aquilo com os próprios dentes, já que unha, essa turma aí, eles passam a noite toda roendo).

55

Bolita

A mãe do Dani eu não sei que fim levou. Decerto morreu cedo, que as mulheres lá – não era um lugar bom. Pegavam doença, batia a depressão. A maioria ficava em casa e só botava a cabeça pra fora quando o homem deixava estender roupa.

O pai dele não prestava, normal. Isso lá naquele mato era ou teu pai não prestava e te batia, ou tu nem tinha pai.

Um dia tava lá o Dani brincando de bolita com os guris. Sempre com aquela mão esquerda dele, porque se ele jogava com a direita era sempre casquelis – carambs, casquelis!, a piizada dizia, na gíria. A outra gíria era o revesgueio. O Dani dava sempre de revesgueio, na técnica. Tava lá o Dani e chega o pai dele emendando-lhe um tapão na orelha:

— Na minha família não tem invertido!

Daí saiu o Dani descabelado pra estrada.

Não era a primeira vez que o homem lá enchia a moringa e flagrava o filho brincando de bolita. Mas dessa vez o Dani levou a sério o tapão. Isso a gente só ficou sabendo depois, anos mais tarde, porque o Dani nunca mais voltou.

56

Brasil e Argentina

Argentina e Brasil, a Argentina já classificada pra copa do mundo e o Brasil, bá, o goleiro brasileiro joga num time da Arábia.

O time de amarelo-tang-limão com detalhes em verde-tang-chernobyl, o símbolo da CBF no meio da barriga. Já a Argentina com uma camisa modelo clássico, celeste serenidade, branco sobriedade, e olha que minha cor preferida é o amarelo. Impressionante a incompetência da CBF pra fazer uma camisa de jogo, quem dirá então um time.

Mas eu quero mais é que perca mesmo, já faz mais tempo que torço contra o Brasil do que a favor, desde que em 2001 a confederação apoiou um crime contra o Caxias, lá em Figueirense. A diferença é que agora torcer contra a CBF tá moleza: antes era complicado, tínhamos que ver os Ronaldinhos, os Didas, hoje tá fácil ver esses balaqueiros aí tomar rodião.

E o Lufe, comentando que viu o presidente da CBF: nossa, diz ele, meu: uma laje de pilantra, desses caras que conseguiram o poder vai saber a que preço, que jogo, e a vaselina por trás disso.

É o jogo por trás do jogo. Contra a Argentina, o Brasil caiu de quatro.

57

Uma de argentino

Diz que tinha lá um médico argentino, que ele chegou num bolicho boliviano, na Bolívia, e pediu um trago. Depois, pediu outro e outro pra todos os amigos, e vamo que vamo.

O bodegueiro, vacinado contra a malandragem portenha, ele perguntou se o doutor tinha dinheiro.

De fato, disse o médico, dinheiro, dinheiro mesmo eu não tenho, mas lhe proponho um jogo.

E se virou pra aldeia inteira que tava na bodega, seis da tarde, digamos, todo mundo ali, curioso.

Se eu tirar agora minha cueca e ela parar de pé, disse o argentino, o senhor nos deixa beber de graça.

E se não parar?, disse o bolicheiro.

Bueno, daí pode nos entregar pro exército.

Fazia um mês que o doutor não tomava banho, a não ser nos banhados barrentos cruzando a floresta, daí ele só tirou assim as bragas e ela parou, direitinha, em cima do balcão. E todos beberam felizes para sempre.

58

Cortázar

Falando em argentino: na livraria Ladeira, em Porto Alegre, também conhecida como banca do Mauro, tava lá o Cortázar, sabe o Cortázar? O Pai do Nacho sabe.

É um cara altão que a gente via na rua tempos atrás, bota tempo nisso. Olha lá o Cortázar, dizia o Pai do Nacho, e era um cara igual, magro e com livros, aquela distinção na fala e no andamento. Jazz.

Diz o Pai do Nacho que comprou o *Bouvard e Pécuchet* do Cortázar. Eu hoje peguei o *Itinerário de Pasárgada* dele. Tava ali, no más, entrei na Ladeira e vi: vambora, falei pro livro.

Perguntei, na hora de pagar, se não tinha nada de poesia do Cortázar. Ele pensou, consultou os computadores. Não, não é fácil achar Cortázar por aqui, disse ele.

59

Poesia redonda

Era o dia da poesia, pra tu ver que era.

Tava eu lá com os parceiro falando sobre o Cortázar, sobre o Ronald, até sobre o Mirko a gente falou, daí me surge o Bomqueiroz, do nada.

Nós na esquina, chamei todo mundo, Don Diego, o Subintendente, inclusive o Várzea tava lá, mas não é que me aparece, além dos de sempre, o Bomqueiroz direto de Uruguaiana?

Esse sim que é poeta, um congênito, desses que param de escrever, jogam fora os caderninhos, ficam décadas trabalhando com logística e agropecuária, daí um belo dia sentam e põem um livro desses que tu pensa: barbaridade.

O Bomqueiroz tá na fase dois, de já ter abandonado as declamações em praça pública, agora só pratica a embriaguez e a logística agropecuária. Um dia, logo logo, daqui a vinte anos, vem o livro.

“O mar é como uma sanga

que bebeu muito campo”

Versos do Bomqueiroz, antigos.

Outro exemplo ilustrativo:

“Gostava de jogar bola até que fiquei velho
e a poesia começou a nascer redonda
dos meus pés

Contudo, sempre tive o dom
de estragar com tudo”

Não, mas sério, qual é a probabilidade de aparecer aquele boina basca bem no dia que vou falar de poesia com o Pai do Nacho, o Ronald, Don Diego, o Subintendente chegando no porto, e tinha o Várzea, ainda, que viu o Bomqueiroz se aproximando e ficou com uma cara de: tá brincando.

Pois a última vez que vimos o amigo foi lá em Uruguaiana, pra escrever um livro, eu, e o Várzea porque é o parceiro ideal pra gauchada. Cruzamos o Rio Grande pra ver o poeta renunciado, era a minha desculpa, e o que aconteceu nessa tarde da poesia em Porto Alegre é o que meti no romance: encontrar o amigo por acaso, así no más, e continuar a conversa como se ela nunca tivesse sido interrompida. Porque nunca foi. Sem frescura.

Fomos andando pela rua, um bando de leitores, uma banda. Eu, orgulhoso, ouvi alguém falar em sincronicidade, desígnios ocultos. O acaso é um joguinho em que somos as peças, disse outro. Eu comentei que só acontece em Porto Alegre, comigo, que em Caxias tu pode ir e ficar um ano, dois anos, que pra te acontecer alguma coisa tem que pegar uma retroescavadeira, enquanto em Porto Alegre basta uma tarde, umas horas. O Várzea rebateu que a teoria dele é outra: se tu vem pra Porto Alegre por um dia, beleza, vai te acontecer um milagre, mas se tu fica um ano, dois anos, não te acontece mais nada.

Tipo jogador que entra no primeiro jogo e no primeiro chute faz um gol, depois dá um belo passe, depois faz outro golaço, aí tu pensa esse é craque, assim é Porto Alegre. Só que tu deixa ele no time e, no resto do campeonato, dois campeonatos, o cara não dá sequer um chute na trave.

No circo

Já faz um mês que tem dois circos instalados na roça. Dois. Daqui a pouco, vai chegar aquele momento em que eles vão passar com os teco-tecos e mugidos de elefante anunciando que, devido ao grande sucesso, decidiram ficar mais uma semana na cidadezinha.

É o que o circo faz: transforma tudo em cidadezinha. Não que Caxias não seja uma. Mas pensa em Nova Iorque. Chega um circo num terreno baldio e converte a metrópole num lugar em que tu olha pro lado e reconhece o tio da pipoca, o inimiguinho do futebol, a costureira do bairro, a filha dela. Ao nos tornarmos plateia do maior espetáculo da Terra, fazemos o pacto do provincianismo.

O circo atíça luzes e sombras em cada um. O jogo circense é montado em cima desses contrastes mesmo: a alegria e a tristeza, a infância e a morte, o civilizado e o selvagem. Tem o elegante domador de feras, a bela mulher que vira um macaco furioso. Tem os acrobatas, os equilibristas, os motoqueiros. Todo mundo correndo risco de quebrar o pescoço diante do respeitável público.

O discurso mais clichê da terra. Quer dizer que funciona há séculos e vai se atualizando: circo sem animais, circo sem palhaços pra evitar traumas.

Mas o principal que o circo causa é a frustração. É importante pra, nem que seja quarenta anos depois, virarmos adultos. Podemos inclusive ter uma adolescência nesse meio tempo, mas a mocidade tem que acabar. E é aí que o circo contribui. Socialmente. Antropologicamente.

Tudo passa pela expectativa. Aquele friozinho na barriga na entrada, a empolgação da voz do cara que anuncia o espetáculo, a música, as cores, o ronco dos motores e dos bichos, tudo é muito grandioso pra durar. E assim deve ser. É preciso voltar pra casa com a impressão de que a vida continua e que a vida não é uma promessa fátua. É um fato. A alegria é uma mordida no chocolate. A realidade são as espinhas, a obesidade, a gastrite.

A brincadeira do circo ensina que vão tentar nos enganar. Podemos nos tornar aquele que engana ou ser aquele que não espera pelo engano pra ser, do jeito que der, feliz. Será adulto aquele que paga, ou não, pra participar do espetáculo, aquele que compra, ou não, o bilhete da ficção.

Terça-feira

O profe de geografia, dessa vez. Ele tava no recreio com a gurizada e daí não sei o que aconteceu, mas ele começou a xingar, falou um monte de palavrão, disse que odiava a escola, a prefeitura, a sociedade. Eu tenho sífilis!, diz que ele dizia. Eu vou morrer nesse inferno!

No começo acharam engraçado – olha o profe! – depois viram que era um surto mesmo, uma explosão. Veio a ambulância, veio o secretário de educação e o Mengano ali, bufando, jogando praga na sociedade, nas freiras – assim disseram, na sala dos professores: que ele jogou praga até nas freiras.

Daí, fazer o quê: levaram o rapaz sedado pro hospital, internaram numa clínica. E eu aqui pensando: daqui a pouco chega em mim a onda de surto. Meu caso não é de sífilis, mas talvez de ciúme e com certeza de raiva. Porque o que que é o surto: é que nem o provérbio que inventei agora:

cada sapo que a gente engole

cedo ou tarde a gente gospe.

62

Xadrez

Tava a Kunti e o Arjuna jogando xadrez num celular desse tamanhinho. Jogo acirrado, ataques sangrentos, come um peão daqui, dois cavalos lá, a Kunti parecia que ia perder desde o começo e adiou até o fim, jogada a jogada, a derrota que foi quase empate, essas coisas do xadrez: tem jogos que se ganha no cansaço e quem perde, sempre, é a plateia vendo o solo de jazz.

Fiquei lembrando que uma vez, a primeira, que tive vontade de jogar xadrez foi com o Maeth, naquele tabuleiro de pedra-sabão que ele tinha. Tudo entalhado, as pretas, as verdes, o tabuleiro em si já valia a brincadeira, mas o lance todo era fumar, tomar café, comer amendoim, ouvir o Maeth contar uns causos da guerrilha:

Ele tava em São Paulo (Porto Alegre impraticável, depois dos assaltos a banco) e arrumou serviço numa firma.

Uma tarde, beleza, o Maeth tranquilo apertando parafuso chega o chefe e diz ué, dondê que ocê conhece Mozart?

Mozart?

Mozart.

Me desculpe, diz o Maeth, mas não sei do que o senhor tá falando...

Isso que você tava assoviando. Onde é que você aprendeu?

Ah, diz o Maeth ligeiro, fingindo avoamento: ouvi na casa dum patrão lá que eu tinha, que ele escutava seguido...

Mmm, faz o chefe.

Dessa eu escapei, diz o Maeth. E no dia seguinte vazou pro Chile.

Por minha vez, na minha antiga vida de jovem, democrática e apática, tive tempo e saco pra fazer um jogo inteiro de xadrez com madeira. Tudo no esmeril, as pecinhas, metade com eucalipto vermelho e outra com açoita-cavalo, bem branco, madeiras catadas no lixo. O tabuleiro eu desenhei numa tábua com pirógrafo. Uma beleza. Daí olhei pro lado, jogar com quem?

A graça tava em *fazer* o jogo, o jogo era construir. Aquele cheiro de madeira lixada, de madeira queimada na pedra, as filigranas da lenha, as veias, a vida parada da madeira, que é morta mas viva, é uma oclusiva, mas sonora: *d* em vez de *t*. Não te olha insondável, como pedra, uma madeira. Ela te olha como planta, mais que planta, pois a madeira se oferece, ela quer que tu mexa nela, quer que tu dê pra ela uma sobrevida, uma vida superior – isso é marcenaria.

63

Feira do livro

Fomos ver com a escola a palestra do patrono, um senhor que escreveu dois livros de auto-ajuda e foi vereador pela Arena, no lançadiço município de Nova Saló. Os professores são os verdadeiros super-heróis, diz ele, a leitura transforma vidas. E a piaçada ali, se coçando. A única coisa boa da feira do livro é comer, me disse o oitavo ano. Creps, sorvete. Só tem duas bancas, de livro. De doce umas dez.

E o patrono embalando o velório: “O Danilo, na infância... O Danilo só queria... ir pra escola... jogar, brincar... ler...”

Sabe essa gente que fala de si na terceira pessoa?

“Ler transformou o Danilo... num líder... transformador...”

Agora vai acabar, a gente pensando. Agora vai. E ele: “É como eu sempre digo... Vocês que vão ser administradores... médicos... advogados... Quem sabe não sai daqui... o

presidente da república?”

Tudo menos professor, portanto. Tudo menos super-herói.

“Cada desafio... uma oportunidade... Tirem o ésse de crise... Crie...”

A BNCC só me olhava.

Por fim – agora vai – um sorteio. De livro? Não. Um ingresso pra uma peça, um musical sobre um menino pobre que vira empresário. Mas pra ganhar tinha que responder uma pergunta: qual era o nome do livro que o tal Danilo tava lançando?

Mas que livro? Igual chutaram, a piaçada, e erraram. Metade de pé, derrubando cadeira. Os do nono ano já comendo algodão doce, entre as patrolas, na avenida. Os do sexto suplicando pra profe deixar também. Aí o cara ia dar o ingresso pra quem respondesse outra coisa: qual é o hábito que transforma vidas? Mais gritado, tapão na orelha do colega da frente, cadeiras no chão e tchau, todo mundo se amontoando na fila pra comprar potcheca.

64

A imperatriz Isabela

A imperatriz Isabela, passei a noite com ela, numa jogatina em seu castelo. Agora, voltando pra casa, carregando a lâmpada dourada, parece a lâmpada mesma o castelo em miniatura.

Incensos dentro dele, saís.

Perdi todas as cartas e o Caxias levou o empate aos noventa minutos. Eu, zagueiro, impedi uns quantos gols, que até o goleiro tinha ido pro ataque, deixando a defesa desguarnecida.

Desguarnecida.

Eu, peão, nosso tabuleiro desguarnecido.

A imperatriz Isabela foi comida por um bispo, um cavalo qualquer.

65

Sexta-feira

Eu não me lembro da primeira palavra que escrevi, nem do primeiro ou último dia de escola, mas sim da minha irmã, decifrando a palavra “pampa” – *pa m pa*, ela leu, numa placa, e o mundo inteiro se abriu.

E teve um momento, no serviço, que era sexta-feira, tinha sol, eu naqueles segundos

antes de começar a aula, olhando os alunos, sentindo a atmosfera, eu pensei tá, vou dar aula de poesia.

E já me arrependi. Mas era pra mim, tinha sol, sexta-feira, não seria justo inventar um “copia aí do livro as orações subordinadas”.

Daí teve um momento, outro, me vem nitidamente agora a cara da guria que eu tava olhando, mas não sei o que eu tava falando. Foi logo depois do Drummond, a pedra no meio do caminho, ou do Mario Quintana, o passarão passarinho, essas coisas de escola, em aula de poesia. Eu pensei: é isso!

Fazia tempo que eu não pensava naquela epifania, era um déjà-vu de epifania, um barato.

Continuei falando, depois eu anoto, pensei.

Achei que não ia me escapar, a epifania. Ela tinha voltado, vinha de longe, de tanto tempo, ela não ia fugir de novo, continuei falando, alguém pediu pra ir no banheiro e esqueci.

Ficou só o consolo de sentir a epifania perdida, ampla e descabelada, a galope pelo pampa, como o cavalo do Leandro no poema do Mirko.

66

Jogo do bicho

Não, e o pai do Várzea, tava eu e o Várzea tomando uma, assim, na rua, e chega uma mensagem pra ele: ganhei no bicho, diz o véio dele, dez mil.

Depois de novo, que o pai dele tinha jogado também noutra birosca: mais cinco mil.

Quinze mil na brincadeira.

Mas o pai do Várzea é craque, foi jogando no bicho que ele comprou o terreno, a casa, um caminhão e um macaco, cinquenta anos atrás. E segue jogando, segue ganhando.

Que nem aquele meu vizinho, o Baleia, que sonhava toda noite com um número, daí acordava e andava pelo bairro dizendo alto o número que ia cair, e caía, tu me acredita? Caía, o cara vivia da grana do bicho, emprestando pros vizinhos, o traste. E caçando passarinho, que o outro talento dele era assobiar imitando igual o passarinho que ele queria: o coleirinho, o sanhaço, a saíra-azul, os canários todos, tudo vinha comer na gaiola que o Baleia deixava aberta – o carão dele atrás, só esperando o coitado entrar pra fechar a portinha.

Eu, bá, sempre que jogo no bicho até tenho uma esperança, que antes do sorteio todo mundo tem chance, tecnicamente. Só que eu chego pro bicheiro, ele me olha, nem me olha, na verdade, só pergunta o número com a caneta quebrada assim na mão, a caneta e aquele

papelzinho impermeável de embalar torresmo que eles usam pra anotar, e bá, tudo evapora: me vem a certeza de que eu não tenho chance nenhuma, sequer um friozinho na barriga de perspectiva histórica no estilo *alea jacta est*. De cima pra baixo, de trás pra frente, aquelas coisas que eles perguntam: não adianta. Entrego as moedas como quem joga na pia as pipocas que não estouraram na panela.

67

Adedonha

Quando terminam, supostamente, as “atividades” que eu devo mandar fazer em meu cargo missionário de professor, as gurias ficam lendo romances em que jovens secretárias e outras princesas modernas chamadas Keira ou Peyton disputam pra ver quem vai ficar com o Josh ou Bradley, grande ceo ou siô de empreendimentos urgentes. Já os guris ficam jogando stop de papel, que descobri agora que se chama adedonha, é um outro nome pra isso.

Numa folha, fazem colunas com categorias como nome, comida, animal, cor. Alguém fala uma letra e todos preenchem: Nelson, Nozes, Nútria, Negro. Quem termina de preencher antes ganha. Volta e meia alguém pergunta: Natal é um lugar?

Digno de aula de português, o adedonha, um jogo de palavra.

68

Pebolim

Tínhamos falado de ir pra Bagé, mas daí, pensando bem, deixando falar a vontade, decidimos ir pra Montevideú, a Kunti e eu, que eu, se pudesse, se Deus – ó, Paulus, aquela coisa – é uma cidade em que eu moraria, viraria tradutor *in loco*.

Era o pretexto: catar livros do Juan José Morosoli, que é um escritor que eu quero traduzir, um escritor que não tem nada a ver com o que eu tô fazendo aqui, embora ele tenha um livro de poemas chamado *Los juegos* (o título tem a ver com a ideia de exercícios, pois é um livro dele jovem, aprendiz, depois o Morosoli largou os versos e só ficou escrevendo contos).

A Kunti foi na parceria. Até no jogo do Defensor ela foi. Comemos lá uma torta frita na frente do estádio. Zanzamos pela cidade, à toa, a pé. Comemos, ela comeu, chajá, tomando, eu tomei, vermute do lado duns caras jogando xadrez. E vimos uma galinha na feira, em cima duma banca de livros, que vendia massa fresca também, de espinafre, daquelas

que tu cozinha e fica tudo grudada, tem que fritar pra comer al dente. No fim me deu, a Kunti encontrou baratinho a *Antología de la literatura fantástica*, aquela, sob os auspícios da galinha que olhava tudo com ar de galinho (se quiser ler um que fala em garnizé, vai pro capítulo 71).

Passamos a tarde, a última antes de pegar o ônibus, no centro de assistência social dos jovens, algo assim. Fica na avenida, perto da Biblioteca Nacional. Os guardinhas, um homem e uma guria, foram bem tranquilos, podíamos sentar lá numas escrivaninhas, podíamos usar o banheiro e se quiserem, disse a guardinha, vocês podem inclusive jogar metegol.

Me dói lembrar. Uma dorzinha agriçoce de coração de galinha no meu peito.

Tinha um pebolim bem no meio do salão, que nem antigamente, que nem nas praias, nas lancherias de bairro, o pebolim, o flaflu, o calcio balilla. Sempre que vejo uma mesa dessas eu penso que tri, eu teria uma em casa, mais até do que botão, hoje em dia. Teria que ser uma que nem no filme do Campanella, os jogadores personalizados, e grenás, ainda por cima, não esses anônimos e exangues pinos de plástico.

Daí, na volta, viajamos com a torcida do Nacional, que tinha jogo deles em Porto Alegre. Na fronteira, aquela chorna, os torcedores tentando abrir o bagageiro do nosso ônibus, os uruguaio do meu lado ligando pra polícia de madrugada, a aduana uma tapera. Tão tentando invadir nosso ônibus!, dizia a vizinha de poltrona, e o pior é que são do meu time, dizia o marido dela, será que poupam a gente se eu mostrar o adesivo na minha térmica?

Jogaram um moletão em cima do ônibus. Uns quantos, tomando fernet numa garrafa de refri recortada, ficaram rindo olhando o trouxa tentar recuperar o blusão. A maioria se dispersou discretamente quando veio a polícia. Sumiram nas sombras. Desceu do carro uma soldada bocejante. Mais adiante no estacionamento, um faxineiro vinha arrastando lerdo uma vassoura de cabo longo. A policial fez pezinho pro hooligan alcançar o moletom, espichando a vassoura, batendo no teto do ônibus como granizo. E a Kunti, do meu lado, dormindo plácida no berço cósmico de Krishna.

69

Diário grená

Imagina tu torcer prum conceito, um substantivo abstrato: Confiança.

Melhor que Caxias, adjetivo sinônimo de chatice. E o time tem encarnado isso perfeitamente.

Não pude ver o jogo, que pena ou ainda bem. Não vi o jogo porque tava vendo outro, em outra cidade. Um time violeta contra um time amarelo e vermelho: Defensor contra Progreso.

Taí outro conceito, o progresso. Outro duelo de substantivo abstrato contra adjetivo fora de moda: Defensor vem de *defensores de la huelga*, uma greve cento e poucos anos atrás.

Na última vez que não vi o Caxias por estar nessa outra cidade, era um jogo contra o Grêmio, final do gauchão, algo assim. Ganhamos por 1 a 0, eu olhei pro horizonte (nessa cidade tem) e cumprimentei, com confiança, o futuro. Que deu em hoje, no caso: dois a um pra eles. Os dois eles, que o Progreso também bateu os Defensores por 2 x 1.

Imagina teu time perder pra confiança e o progresso ao mesmo tempo.

Mas tu gosta de sofrer hein?, disse a Kunti, magnânima.

Pois é, só torço pra time ruim. Mas pelo menos no Defensor dá pra tomar mate.

70

Abrir livros ao acaso

Outro jogo, a palavra, e outro jogo que eu jogo é abrir livros ao acaso: dá sempre algo significativo. Como o tarô, né, a gente cria um sentido a partir do que lê.

Daí assim: Herrera y Reissig. Antes de ir, e durante lá, em Montevideu, pensei bastante nele, inclusive o campo do Defensor fica na rua Herrera y Reissig. Daí passei numa livraria, os balaies na calçada, Herrera y Reissig baratinho. Abro à toa e tá ali o poema *El juego*:

Brincando de nos esconder, em doce à parte,
crianças ou pássaros nós dois, eu me lembro:
ao degustar tua inquietude quase me perco,
e quanto a ti... o problema era encontrar-te!

Depois, quando o espírito virou razão,
meu amor riu do teu afã em ocultar-te...
E ao me amar, por tua vez, na recordação
de outra mulher me refugiei com arte.

De novo, na estação da experiência,
foste buscar-me quando eu, na ausência,
sorte fatal, me disfarcei de esquecido...

Por fim, a brincadeira terminou... Abrupta
foi a tua vida. E tão bem tu te escondias
que, pelo amor de Deus, não nos veremos nunca!

Bem mais ou menos essa minha tradução, mas tranquilo, fiz enquanto ouvia a rádio
especular sobre o novo treinador do Caxias, e tô com fome, sentindo o cheiro do moletom
que usei em Montevideú, um cheiro de casa dos outros, um cheiro de roupa dos outros, que
eu queria que fosse minha.

Mas até que gostei do poema. Todo mundo sente o desencontro, a brincadeira de
esconde-esconde do amor, seja por medinho, seja pra tirar prazer no chove não molha. Era
um decassílabo, mas liberei as doze sílabas pra caber mais informação.

71

Quarta-feira

Tavam jogando vôlei com camisinha, numa escola aqui perto. Camisinha cheia de ar,
aquela coisa. Daí foram mandados pra direção, a professora falou: vocês não têm futuro. E a
gurizada: quem diz que tu tem, sora?

Na verdade, o jeito que a piazada encontrou pra expressar o retruque foi menos, ou
mais, elaborado. Sobrou pruma profe de inglês, uma surtada, segundo os alunos, uma pessoa
que tem um emprego perigoso, segundo eu, colega dela.

Encheram a mulher de facada, na primeira hora da tarde.

Facada, tchê. Bota América Latina nisso.

O mais velho tinha quinze, os outros treze, catorze. No sétimo ano. De tarde. O que
tem de tão importante no sétimo ano, que tu tem que obrigar o cara a repetir? Escola que
prende aluno vira cadeia.

Mas eles também, a piazada. Ficar se enrolando, a coisa mais simples do mundo é
passar de ano, todo mundo passa, é uma questão biológica, matemática. Rodar e rodar é
querer muito continuar criança. Só que nesse mundo, pra que seguir? Pra onde?

Pensa no teu futuro, diz o diretor. Que, um emprego? Numa cidade sem graça?

Vou virar serial killer, tô nem aí, disse um guri. Taí uma maneira de ser alguém, um modo prático. Isso deve ajudar a explicar a profusão de doenças atualmente, é uma maneira de ser alguém, sofrer duma doença. Ser e ter, aliás, porque os alunos chegam pra nós dizendo ah, eu tenho ansiedade, eu tenho tdh, é uma maneira de ter alguma coisa nesse mundo: uma doença.

E a coisa da faca, agora vão ficar revistando antes das aulas. Isso vai impedir os verdadeiros fascistinhas de desenhar suástica e se cumprimentar daquele jeito nazimiliquento? Os fascistinhas de hoje, cruza de pitbull com garnizé, como eu queria ter quinze anos por um dia.

Porque quando eu tinha quinze, a Brigada botava os estudantes contra a parede na sala de aula. Reviravam os estojos: que que é esses zóio vermeio, magrão? Na época, a gurizada botava molotov no banheiro, estourava os vasos. A gente pulava o muro, escapava. Nós queria era explodir a escola, sair da escola duma vez.

Até fui expulso, por uma piada. A sora de inglês, olha só, outra surtada, ela disse que relógio, na língua lá, era *clock*. E perguntou: como é relógio de pulso?

Pulse clock, falei.

Pronto. Vai pra direção, chama os pais, que tu tá pensando da vida?

O diretor falou pra minha mãe que eu fumava maconha e tinha ataques epiléticos. Ma daonde? A verdade teria sido mais espantosa: que eu ficava lendo uma biografia de São Francisco, distribuía bala dizendo “a paz esteja contigo” e virava cambalhota no meio da sala de aula porque São Francisco recomendava que não reprimíssemos nossos desejos.

Profe, posso jogar no celular?, pergunta uma aluna agora, enquanto tomo essas notas.

Mas aqueles lá tavam brincando com camisinha, olha que baita oportunidade pedagógica. Pelo menos tavam usando preservativo, não? Adolescente que brinca sem, tu sabe o que acontece.

72

El Otro Antonio Machado

O Outro Antonio Machado, passando por Porto Alegre, quis me dar um cuatro venezuelano. Falei pra Kunti, com preguiça, e ela: mas é o instrumento da Isabel Parra!

Aí tive que dar um jeito.

Tu pode deixar com o Adroaldo, falei pro Outro Antonio Machado, que eu achei que combinavam, os dois. Vai lá conhecer um socialista venezuelano, falei pro Adroaldo, que tem

uma jaqueta que é a bandeira da Venezuela e também deve ter um cuatro, aposto. Mas nem o Antonio nem o Adroaldo quiseram se conhecer, deve ser treta entre trotskista.

No fim, o Outro Antonio Machado tava na rodoviária querendo pegar um ônibus pra São Borja. Nos encontramos, peguei o cuatro e ele, sem dinheiro, sem passagem, só tinha dólares, mas o que fazer com dólares em Porto Alegre? A gente olha pra isso e pensa no trabalho que seria catar um câmbio, fazer cadastro... A falta que faz um despachante cultural nessas horas! E o jovem achando que ia pra São Borja, que tinha ônibus pra São Borja àquela hora da manhã, e que não apenas ia ter lugar pra dormir por lá, mas que iam aceitar dólar.

Tentei ser razoável: vai direto pra Buenos Aires, vai pra Uruguaiana, qualquer lugar onde a deriva tenha mais chance de dar certo. Porque eu me identifiquei com o Outro Antonio Machado. Também fiz as minhas, apostei alto, zanzei cidades inúteis sem saber onde dormir, fiquei à toa em rodoviárias, contando com a sorte, torcendo pra surgir algum amigo que me dissesse tranqui, fica lá em casa, te dou uma carona, tó esses pila, tudo que não fiz pelo Antonio, hoje. E acho que foi bom, não fazer, e foi bom não terem feito, vários outros, quando eu esperava que fizessem por mim.

Era uma brecha, esse encontro, uma rachadura por onde eu revi meus antigos caminhos, e não gostei, e não gostei de ter sido seco, desinteressado. São Borja! Vai lá comer um xis vendo a igreja ovni?

Dizer pra ele “por que tu não vai pra Buenos Aires duma vez?” foi como dizer “por que tu não evapora”. E ele, talvez sentido, poderia ter me retrucado: por que tu tá me dizendo isso? Quer me tirar o direito de ir em busca da tragédia?

É um jogo dele, como já foi meu, se colocar em jogo assim. Hoje eu só podia ver de fora, de longe. Ajudei aceitando o cuatro, assim como nas minhas andanças aceitaram meus livros, minhas roupas, meu aparelho de barbear, assim como foram minhas amigas as pessoas que disseram boa sorte, aproveita.

73

Como criar aranha

Aquele campeonato de contos, saiu o resultado e fiquei em último. Disseram que meu texto não era de comédia. Era assim:

Nós (quando eu era hippie era nós) tínhamos um cipó mucho loco que entrou dentro da casa e saiu do outro lado, pra fora. Foi muito importante porque quando o telhado caiu, se

não fosse o cipó... Só que ele um dia cresceu tanto tanto que a gente precisou (pedir perdão pra Pachamama) cortar ele fora.

A gente gostava muito de bicho também e recebia de boas todos os que apareciam. Na maioria era cachorro e gato e aranha, muita muita aranha lá naquela casa. Aranha e mosquito, essa cadeia alimentar, sendo que nós fazíamos parte da cadeia, cedendo sangue pras mosquitas prenhas.

As aranhas ficavam sobretudo nas quinas das portas. Na cozinha tinha teias tão grandes que dava pra morar dez aranhas ali bem na paz. Aranha é assim: paz. A gente tinha que se abaixar pra entrar na cozinha, evitar de arruinar as teias perfeitas que inspiravam os nossos artesanatos. Tudo uma grande harmonia olho-de-deus.

Mas um dia deu uma crise: um de nós pegou um mosquito e, tomando cuidado pra não esmagar, jogou o mosquito numa teia. A aranha se atracou. E um de nós se atracou no outro de nós:

— Tu tá interferindo no ciclo natural!

— Eu só quis dar um presente pra aranha!

Daí a gente entrou num debate: era justo pegar mosquitinhos e atirar na teia? Não seria mais politicamente correto ensinar a aranha a pescar? O ato de jogar mosquitos pras aranhas não seria uma atitude paternalista de ser humano dominador controlador do universo?

Um mal-estar insustentável e logo a nossa comunidade ruiu.

O cara que jogou o mosquito pra aranha foi trabalhar de equilibrista no semáforo. Dos outros nós é melhor não falar. São pessoas que tu não pode jogar par ou ímpar com elas no escuro, sabe? Um virou candidato, a outra continua sendo cantora. Eu, de minha parte, segui encucado com o dilema.

Só me restou fazer uma pesquisa, praticamente um projeto de iniciação científica, no quartinho em que fui morar sozinho.

A pergunta que guiou o experimento era: devo jogar mosquitinhos nas teias ou devo deixar que as aranhas capturem seu próprio alimento?

Os argumentos que militavam a favor da primeira opção (alimentar as aranhas) giravam em torno de agradecer pelo serviço prestado e, ao mesmo tempo, diminuir ainda mais o nível de mosquitedo no quarto.

Os argumentos a favor da segunda opção (não alimentar as aranhas) eram no sentido de não interferir na natureza mais do que o necessário. Isso não iria desorganizar o cosmos? Será que as aranhas não iam ficar mimadas com os presentes?

O estudo consistiu em observar as aranhas durante um mês. Percebi que cada uma

(três teias, uma aranha cada, sendo que na metade do mês uma das aracnídeas revelou estar grávida), cada aranha parecia passar muito bem com um mosquitinho mensal.

Um mosquitinho por mês, isso que é frugalidade.

Fiz outro experimento mais tarde: joguei um mosquito vivo em cada teia. As duas primeiras aranhas ignoraram o presente, mas a terceira, que recém tinha dado à luz, se atracou vorazmente no bichinho.

Estamos (cientista, voltei a ser nós) buscando fundos para viabilizar a continuidade da pesquisa, mas a hipótese, até o momento, é que a melhor maneira de resolver o dilema é alimentar somente aranhas mães. O que, considerando a ordem cósmica pachamâmica, dá no mesmo que deixar as mosquitas me picarem. No fim, se trata apenas de favorecer a maternidade, pelo jeito.

Alguns comentários que me fizeram:

“A história não tem estrutura e nem propósito. O ‘conflito’ é jogado como se fosse uma alegoria pseudo-filosófica (interferir ou não na cadeia alimentar das aranhas), mas não evolui, não se aprofunda, e não entrega resolução impactante ou crítica relevante.”

“A escolha por um estilo predominantemente coloquial e que tenta se transformar em algo mais culto/acadêmico foi muito estranho para mim, incomodando bastante. Acabou mais empobrecendo a história do que contribuindo. O que mais me incomodou foi realmente a frugalidade, jogada assim durante o texto.”

“Este texto não é bem um conto. É um pequeno texto que levanta uma questão e vai embora. Para ser conto ele precisa continuar, trabalhar a trama, ir até o final, trazer o clímax, uma resolução.”

O Caxias se livrou do rebaixamento, eu não.

74

RPG

Por que será que pego mais sol do lado direito do que do esquerdo? Deve ter a ver com os horários, com o modo em que essas cidades por que eu passo foram construídas, e

são, ficam sendo, construídas e destruídas, reformadas, essas cidades infelizes que não param quietas. Mil vezes o sol, que tá ali ó, no mesmo lugar, desde sempre.

A casa onde eu moro não deixa ele entrar. Saio às seis da manhã, noite, chuva, trabalho numa sala que dá prum muro. Minhas horas livres, então, ando à cata do sol por aí e só me bate do lado direito, que é o fim da tarde, ele indo, eu voltando.

Era isso que eu tava pensando quando chegou o Mutt e ficamos falando de jogo – ele joga RPG, essas paradas – diante do estádio Centenário.

Meu pai não me deixava sair dar banda na rua, disse o Mutt, por isso eu joga RPG.

Deve ser por isso que eu gosto de futebol, pensei. Meu pai, sei lá, eu simplesmente ia jogar bola nos potreiros.

Dia seguinte, de novo. Me chega a BNCC com os grandes acontecimentos conjunturais: choveu, alagou, eleições na Bolívia, bombas na Venezuela, e os professores que os alunos tirarem dez na prova do governo vão ganhar cinco pila por cabeça. No fim, ela confessou que joga RPG. Outra que não podia brincar na rua, pensei.

Ficou dizendo que ia levar RPG pra sala de aula, pros alunos, a gente podia fazer algo juntos, né, professor? Minha colega, nós somos colegas, não me chama de professor, eu não sou professor.

Que bom coração tem essa turma do RPG. Eu, meu trabalho é fingir que ensino quem sequer faz de conta que é capaz de aprender. Eu, pra sala de aula, a coisa mais diferente que eu levo é eles passarão, eu passarinho.

75

Jogo da vida

Na rua, nesses lixos que se acumulam na esquina, olhei de varde e vi assim: jogo da vida. O de tabuleiro, aquele, de dados. O jogo que tu joga a sorte mesmo antes de nascer, e que se tu não nasce rico tchau: vai passar o resto da vida penando.

Eis-nos.

Futriquei: só tava a tampa mesmo, rasgada, o papelão derretido, desbotado, de dias no sol, na chuva, na geada, entre papéis engordurados e marcados por esquifezas.

O pior desse jogo é o dia do pagamento, que soa perfeito em inglês: o dia em que te jogam na cara a reiteração da tua sordidez. E vêm filhos, e tu cai em casas que te paralisam ou te mandam pra trás, pro risco de cair de novo nas casas que te paralisam e te mandam pra trás.

A vida.

Mas o que jogamos mesmo, mais tarde, com o Lufe, foi uma espécie de canastra chamada “pontinho”, porque ganha mais pontos quem tem menos cartas, algo assim.

Eu fazia décadas que não pegava um baralho na mão, fora o tarô.

Já o Lufe, eu tinha esquecido, mas ele é filho de bodegueiro, tem o jogo entranhado que nem o cheiro do fumo se entranha nas cortinas. Joga carta como camisa dez fazendo balãozinho. E a Kunti, barbaridade, fluía de toda a pessoa dela uma ancestralidade que remontava pelo menos até o famigerado oficial de justiça. De modo que eu, retardado pela falta de carteador na minha formação lúdica, ou simplesmente abatido pelo vinho, levei o que se chama legítimo vareio.

76

Janys

Foi minha aluna de “reforço”, espécie de reformatório leve pra quem não tirava nota boa ou não gostava da professora, em Nova Saló. Aí mandavam a gurizada pra escola de tarde, pra mim.

A Janys ficava quieta, lendo, escrevendo, enquanto os colegas dela tavam na fase de brincar com garrafinha: jogar pra cima e ver se a porra parava em pé.

Em algum momento me disseram que ela queria ser chamada de John. Mas ela mesma nunca me pediu isso e não se ofendia quando eu a chamava, com gosto, de Janys Joplin.

“Freedom is just another word for nothing left to lose”, cantei, no primeiro dia.

Eu recém tinha conhecido a Kunti, naquela época. A Kunti fã da Janis, eu tava com isso na ponta da língua e coloquei, no quadro do reforço, aquela coisa de interprete o seguinte texto: “Liberdade é só outra palavra pra *nada mais a perder*”.

Não ter nada a perder é isso, a Janys disse, ter coragem, falar o que tu pensa, o que tu sente.

Eu gostava que ela escrevia sempre sobre rock, a Janys. Um dos jogos literários que fizemos foi de fanfic, que tava na moda. Eu não sabia o que era, mas ela explicou pra toda a turma: escrever uma história usando cenários e personagens famosos.

Na fanfic dela, o herói era o Slash, do Guns’n’Roses, que resolvia tudo cobrindo a cara com a cabeleira e engatando um solo de guitarra.

Eu gostava que a Janys escrevia sempre e desde antes de ir parar no reforçomatório e me mostrava uns capítulos do folhetim que ela publicava num site.

Um guri e uma guria que eram amigos, mas daí, sabe, surgia algo mais profundo, só que o guri se mudava, passavam anos, e ele voltava transformado em guria. Será que o amor continuava?

Acabou o ano, fiquei sem saber. E até ontem, agora, a última notícia que eu tinha recebido da Janys foi em outubro, quando ela desapareceu.

Na minha ingenuidade (liberdade é só outra palavra), fiquei pensando tomara que ela tenha fugido por conta própria, que não é fácil ser roqueira em Nova Saló, e que, em vez de ser escondida sem querer, que ela mesma tenha se escondido (nada mais a perder).

Só que ontem ela foi encontrada, jogada num barranco.

Tiro na cabeça.

O namorado tinha quarenta e poucos anos, já tava até na cadeia por roubar carro, vender droga, o básico.

Só me restava investigar o que havia por trás da superfície, e fui ouvir Guns'n'Roses. Uma banda que eu nunca dei bola, eu era da turma do Nirvana, do Ramones.

Descobri uma música chamada *Look at your game, girl*, que é uma faixa escondida no disco do espaguete, do Guns'n'Roses. Chata como todas, mas pior: essa é ruim mesmo de ouvir. Só que fala de jogo. Fala de loucura.

“Olha bem teu jogo, guria
que desilusão maluca
viver nessa confusão
frustração e dúvida
Tu ia conseguir viver sem esse jogo?

O triste, triste jogo
jogo louco
Só dizer que o amor não basta
não pode ser verdade
Tu pode até falar essas mentiras
mas só tá te enganando a ti mesma”

Essas conexões ocultas, essas coincidências, eu me tapo de nojo.

O autor dessa música é aquele pirado lá, o Charles Manson.

Bumerangue

A gente tava colhendo amora, a Kunti e eu, comentando as frutas que a gente já tinha comido, na vida, do pé. Pitanga, cereja, maçã: eu disse que na infância eu tinha ido numa plantação de maçã, fileiras e fileiras num vale rodeado de árvores, e o dono lá ele falava assim: maçã. Tu gosta de maçã? Olha que bonita essas maçã.

Foi naquela vez que eu vi um bumerangue.

Tinha lá uma guria, ou um guri, que ela ou ele tinha um bumerangue. E demonstrava, jogava contra as araucárias – o troço voltava pra mão dela, ou dele. Incrível, eu dizia, perplexo: é um guri ou uma guria?

Usava brinco, mas cabelo curto. Pelo jeito de jogar o bumerangue, de ir atrás quando caía entre as grifas, era um guri, mas explicava o jogo com uma voz amena, olhava com postura mansa de guria. Vai ver, diz a Kunti, na ida do bumerangue era guri, e na volta virava guria.

Dica de leitura

Hoje a dica de leitura é o livro *Exploradores do frio (Esploratori del freddo)*, de Adriano Silva Bonato. Trata-se duma série de crônicas, talvez um romance, sobre uma região italiana, no Vêneto, que foi colonizada por brasileiros, argentinos e uruguaios.

A obra tem como pano de fundo a pujança do território, os hábitos dos moradores e as dificuldades que a migração trouxe, como se adaptar ao clima e à culinária. Tem mais de um episódio narrando as peripécias das famílias que encararam a missão de plantar café e cana-de-açúcar na Europa.

Os personagens vivem também conflitos morais do tipo “como frequentar a igreja mesmo sendo um adúltero”, “como lidar com os funcionários sem ser acusado de explorador”.

A seriedade da cultura local é contrastada pelas tentativas irônicas do autor, que força um pouco os limites da ficção. A linguagem utilizada no texto sofre muita influência do italiano corrente, embora o livro seja escrito no dialeto brasileiro, que nasceu da fusão entre o português brasileiro e a língua local.

Estamos esperando uma tradução. Parece que vai sair uma em espanhol, neste ano.

Essa é uma brincadeira que fiz agora. É que tem um programa de rádio que eu participo de vez em quando indicando livros. Hoje me deu preguiça. Indicar o que, pra quem?

É um programa que entrevista dono de loja e advogado, tem a hora da oração, notícias sobre a opulência regional e dicas de como cuidar melhor do teu cachorro opuluento.

Pensei: vou brincar. Já indiquei livros de todos os meus amigos, já falei da Carolina Maria de Jesus pra família tradicional, agora vou brincar diferente – fiz isso ali.

Daqui pra frente vou inventar um livro por mês, até ser descoberto em minha fraude. Que nem o Pai do Nacho, no site de resenhas dele. Faz anos que ele tem, um site de resenhas, com centenas de milhares de comentários dos livros que ele leu. Quero ver quando vão encontrar, ele disse um dia, décadas atrás. Aí eu paro. E até agora não parou.

79

No parque

Septuagésima nona ocorrência: dois véio no parque, virado nuns caco, falando em jogar:

Domingo tem, lá no Serrano.

Contra quem?

Uns loco lá, nós fumo já outra vez.

(E dele que dele o sotacão vacariano).

Não, ma não dá pro cara bobear, eh, que ficar parado só em casa tá loco, tem que se divertir, eh.

80

Poemas de amor

Profe, tu namora?, pergunta uma aluna.

É possível viver sem amor?, respondo. Tu quer saber se vocês podem namorar? Se a gente pode falar de amor na sala de aula? Se se morre de amor?

E engato, aos tropeços, o poema do Gonçalves Dias:

“Se se morre de amor! – Não, não se morre,
Quando é fascinação que nos surpreende”

Desse amor fascinação, ruidoso sarau, digo que diz o poeta, não, não se morre. Desses namoricos, não. Porque

“Amor é vida; é ter constantemente
alma, sentidos, coração abertos
ao grande, ao belo; é ser capaz de extremos,
de altas virtudes, té capaz de crimes!”

Vamos ler em voz alta. Pego o celular – é proibido na sala de aula, mas é pra ler poema de amor, dane-se.

Desse amor, digo então, prazer e desventura, o que te faz buscar a tristeza, a soledade, mesmo com o coração em riso e festa, aí sim, isso é amor, e desse amor se morre. E se tu não morre, tu fica aqui definhando, invejando quem achou o berço da sepultura.

Não foi o que eu perguntei, retruca a aluna.

Mas o resto da turma, umas gurias estão anotando trechos. Como é que é mesmo?, pedem pra eu repetir. E me dá vontade de citar a Cher: vocês acreditam em vida depois do amor? Cito a Cher, em inglês. Profe, quantas línguas tu fala? E me dá vontade de citar Lucio Dalla:

“Se de amor é bem verdade que não se morre,
que que eu tô pelado na rua, enquanto chove?”

Mas Lucio Dalla não dá, na escola, por enquanto. As freiras...

Outra guria levanta a mão e quer ler um poema de amor também. Dela. No celular. Claro, digo, té capaz de crimes. E depois outro, um magrão, o mais vadio, ele também tem lá um poema pra namorada: leu, recebeu aplausos. Tudo cheio de meu amor, você nós dois que saudade, e é isso aí, poema é gesto, é a glória de estar amando o mesmo amor.

Eu acho que tu combina com a profe Fulana, hein – insiste a primeira aluna – Ela tá solteira, foi traída.

A Fulana, a da BNCC.

Sor, pra que time tu torce?, um guri me salva.

Caxias, diz outro, eu vi ele no jogo esses dias.

Manipulação

Parece que o Dostoiévski tinha lá uma compulsão por jogo, né, e a compulsão por jogo, no fundo, tá relacionada com a punheta: o cara tem prazer com as mãos, ali se concentra, nas mãos, o poder dele, na manipulação, ou manipulação, digamos.

Daí ser tão comum, entre essa galera viciada em jogo, o lance da fraude: manipulação de jogos é uma redundância, no fundo.

E o curioso – respondi pro Lufê, que essa conversa eu tava tendo com o Lufe, a gente vendo Caxias e Figueirense, que tem alto histórico de manipulação – o curioso é que o livro mais autorreferente do Dostoiévski, *O jogador*, ele fez esse livro falando. Quer dizer, ele não usou as mãos pra manipular a própria pena: pegou uma mulher, terceirizou as mãos pra escrever a obra que fala exatamente da compulsão manual.

E depois casou com a mina.

Condensado

O Pai do Nacho fez um artigo sobre o livro do Ronald. Ali ele cita o Ezra Pound falando de *dichtung*, *condensare*, a poesia como algo condensado (um leite, um doce), que é um trecho marcante do Pound. Lembro de ler isso no sol, meio escondido, que o Pound, enfim, mas foi bem apropriado citar ele num texto sobre o Ronald, que é um cara que propõe discussões formais.

O que tem de jogo nisso? A poesia, acho. Porque hoje a pedagoga veio me entregar o caderno de um aluno.

Ele tava fazendo um trabalho de português na aula de ciências, disse a pedagoga, aí a profe recolheu, então eu queria que tu anotasse na agenda dele.

Tu quer que eu anote na agenda que ele tava escrevendo poesia na escola?, perguntei. Ela me olhou, a pedagoga.

Entreguei o caderno pro piá, tudo certo. E o recado, na agenda:

O aluno Fulano de Tal estava escrevendo um poema em outra disciplina, razão pela qual teve seu caderno recolhido. Na aula de língua portuguesa, posteriormente, ele reescreveu o poema de memória e o declamou, em voz alta, para toda a turma. Eram versos breves sobre a cidade lapidar em que ele vive, suas referências históricas, sua pujança moral e sua

despicienda cultura.

83

Identidade

Y El Otro Antonio Machado me escreveu. Tá no Brasil de novo. Foi pra Argentina, voltou pro Brasil, tá na divisa: em Dionísio Cerqueira, fronteira com Bernardo Irigoyen.

Nós ia lá, na infância, comprar farinha, bala Conaprole. Tu vê, ir até a Argentina pra comprar bala uruguaia. E era bom. Um calor de ficar comendo melancia cuspiendo as sementes nos pés, na rua de poeira, aquele cheirão de diesel, a cachorrada.

El Otro Antonio Machado queria minha identidade. Precisava fazer uns trâmites burocráticos, queria minha identidade emprestada. Como assim?, digo. Tem certeza? Eu me aposentei dessa vida. Tô todo quebrado, rapaz. Tô aqui fazendo de conta que dou aula, numa cidade mais irrelevante que Dionísio Cerqueira. Eu, aventureiro, troteador do globo, me quebraram, cara. Tem certeza que tu quer a minha identidade?

Tu que é jovem, socialista. Tu que taí, nas fronteiras da América, vai pro sol, vai pro pago bolivariano fazer guerrilha contra os ianques. Tu que é El Otro, come uns doce de leite por mim.

84

Ser o jogo

O Mirko tinha desenvolvido um esquema de criação de histórias, que funcionava assim: tu te posicionava em casa, confortavelmente, na casa dele, de noite, e jogava uma espécie de videogame RPG. Talvez tu tomasse algum vinho, algum elixir, e tu ia pegar no sono enquanto fazia isso.

Nesse processo, tu virava o jogo, a madrugada toda, né, a noite toda. Virava literalmente: tanto *sendo* o jogo, tu personagem, tu ator, quanto virava no sentido de terminar com o jogo, de superar todas as fases.

Um exemplo que o Mirko mostrava: ele, no jogo, começava como um aventureiro que, precisando de informações, conversava com beduínos num deserto, um deserto de neve, curioso. No final das contas, horas depois, ele se transformava num coelho branco, uma espécie de personagem da Alice. Ele subia lá umas escadas, virava o jogo, virava o coelho, alcançava um altar de pedras frias, com velas, e acordava no chão, babando. Isso significava

que ele tinha produzido, criado, uma obra literária.

Na minha vez, a esposa do Mirko me auxiliava, me emprestando folha de desenho e lápis de cor, giz de cera, coisas. Porque eu, provavelmente, não queria jogar videogame, eu preferia ficar desenhando, tomando vinho, deitado no carpete, um tapir de velocidade libertária.

85

Na calçada

Flores de laranjeira. Agora floresceram, as bonitinhas. Até reduz meu ódio de trabalhar nesse lugar que me faz viajar uma hora entre vans fumacentas e carrinhos elétricos lentos pra ter que encarar crianças nazifaceiras.

Ceguei cedo, conforme o plano mefistofélico. Catei do chão punhados e mancheias dessa frozinha perfumada e aspergi – mais do que joguei, aspergi as petalinhas na calçada em frente à casa da dona Macbeth.

Tomei cuidado pra inserir muito pólen entre as emendas das lajes, naquele cimentinho carcomido que a mulher fica esfregando com a vassoura até sair toda a poeira, e carcomer a união mais ainda.

Nada, só esperar.

O mate com gosto de laranjeira.

86

Bingo

A Medusinha caiu pra ela no sorteio que o personagem, o sonho dele era ser jogador. Ai, sor, diz ela, posso trocar de papelzinho?

Ué, digo, jogador do quê? Tem tanto jogo nesse mundo.

Ela se iluminou, é uma guria que se ilumina, a Medusinha. Foi lá, fez um conto sobre uma mulher. “Ontem eu morri”, começava. E contava tudo: o atropelamento, a cognição da dor, até que ela chega no céu, e o paraíso é o quê? Um baita salão comunitário, cheio de mesas compridas e brancas como fluorescentes, onde se joga, per secula seculorum, bingo.

87

Na medida da mão

Outro jogo é assim: escrever um texto do tamanho da mão. É a resposta pra pergunta de sempre, dos alunos: quantas linhas, sor?

O tamanho da mão, a mão de cada um.

Quanto maior a mão, mais responsabilidade. Ou o contrário: quanto menor a mão, mais rápido tu tem que chegar a um texto completo.

A mão é desde o pulso até a ponta do dedo médio. Pra que o texto tenha pulso e, ao mesmo tempo, mostre o dedo.

A medida da mão porque sempre foi uma medida. O palmo, as palmas. O polegar dizendo sim, o índice dizendo não. A mão que é a língua de quem não ouve. A mão que cumprimenta e que enche de soco.

A mão direção, esquerda, direita, que uma não veja o que faz a outra. O personagem do Fausto Wolff, vingando os povos da América Latina. La mano de Dios! Que não nos venham cobrar mãozinhas limpas, unhinhas sem terra debaixo delas. Dale tu mano al indio. E se vocês quiser que a gente se veste de índio a gente se veste de índio, disse o cacique kaingang pra assistente social.

A mão fechada, a mão de vaca, tá segurando o quê? Solta a mão, tchê.

Mas que mão na roda, que mão a revolução. Mão única ou contramão?

O baterista. Prazer, Mão, ele dizia, dando a mão. A galera ficava olhando, pensando daonde o apelido. A irmã dele, penugens loiras nas pernas: a Mãozinha.

Mancheia, mãos aos alto, manipulação. Que nem passarinho, mansinho, comendo na mão.

O que fazer com as mãos, numa época em que tudo bem ser bunda mole e pau no cu?

88

Jogar fora o romance

Passei naquele concurso em que tocou o celular do colega – de repente só passei porque o adversário foi eliminado, vai saber. Abandonei Nova Saló (tavam tudo no horário de almoço com a sagrada família, nem notaram) e ganhei o privilégio de fingir que dou aula no pujante e opolento município de Caxias.

O bom é que agora, em vez de lidar com nazisinhos empinados, eu chego em casa e escrevo poemas desesperados

com cheiro de guri do sexto ano,
desses que faz na calça,
que o pai tá preso, a mãe
pirada, o vô teve um derrame e a vó
tá lidando com um filho, outro que só
para lá pedindo dinheiro para
trocar de sexo ou eu vou me matar.

Chego em casa com cheiro de criança,
carniça catatônica:
descascar a parede a cabeçada
– e serve pra outra coisa?
fazer churrasco dos quatro parkês
– e servem pra outra coisa?

A primeira coisa que tentei fazer na escola nova, que tá caindo aos pedaços, foi aquele jogo das cartas, em que cada um deve inventar um personagem que escreve pra outro personagem. Só que expliquei errado, me entenderam errado, e assim inventamos outro jogo: um questionário, em que cada um elabora perguntas pra uma pessoa desconhecida.

Por exemplo essas aqui, feitas por uma guria:

“Tu gosta de alguém? Quem é?
Já leu ou assistiu anime?
Quer um bolsa família?
Tu é gay/lésbica?
Bora se encontrar?
Quem é teu pai? Tu tem?”

Eis o inescapável real-naturalismo da literatura brasileira!

A boa nova é que aquela viagem pro Uruguai acabou me dando uma nova chance como tradutor. É dezembro, estou traduzindo Morosoli e me deparo com trechos assim:

“Apresento a definição perfeita, que ninguém no mundo vai definir melhor do que

meu professor Bengochea, do que é um livro: um brinquedo do espírito, ele disse. Esse brinquedo tem, como todos os brinquedos e jogos, suas leis e seus segredos. É preciso saber jogar com o livro. Ele é o mais completo dos jogos da mente, porque deve ser jogado sozinho. O parceiro é a gente mesmo. Substitui o irmão ou o amigo. Nem o xadrez o iguala – jogo mental, engenhoso prazer dos inteligentes, que satisfaz dois jogadores. Na leitura, é apenas o leitor e sua imaginação representando as coisas a si mesmo”.

Isso da leitura, do professor do Morosoli, me lembrou da minha chaleira de barro, a rachada, a que me fez ver, pela primeira vez, que o jogo da escrita é bem assim, se faz sozinho: tanto no sentido de que ele, o jogo, se desdobra com autonomia, quanto no sentido de que eu, tu, cada um faz sozinho o jogo da escrita.

Cada jogo de escrita tem as próprias regras, inclusive, que tu cria e depois chama os outros pra participar. Um esquema por princípio infinito: iterativo e, por finalidade, interativo. É o que eu devo fazer agora: convidar.

De todas as ideias que tive no meio do caminho, o que me parece menos pior é o que tá aqui, já, só. O que me lembra que não sei quem, um escritor, sugeria que devíamos escrever um diário enquanto escrevíamos um romance. Daí, depois, publicar o diário e jogar fora o romance.